

O SUJEITO NÃO ESPECIALIZADO
A INSTALAÇÃO EFÉMERA COMO ESTÍMULO PERCEPTIVO
PARA A HABITAÇÃO PLURIFAMILIAR

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Orlando Manuel Gilberto de Castro
Dissertação orientada pelo Arquitecto Luís Viegas

2014

RESUMO

A presente dissertação procura explorar a relação do sujeito não especializado em questões de espaço com a arquitectura, nomeadamente no que diz respeito à habitação. Por se entender que na habitação unifamiliar existe uma maior proximidade entre quem projecta e quem habita o espaço, centrar-nos-emos na habitação plurifamiliar. Interessa, nesse sentido, perceber situações transversais, representativas do habitar contemporâneo. Para isso, abordaremos o habitante nas suas vertentes física, sensível e perceptiva, enquanto indivíduo e enquanto colectivo. Assim, dar-se-á corpo às esferas individual, familiar e social que determinam as necessidades e características da relação do habitante com o seu espaço doméstico.

Será estabelecida, então, uma aproximação ao desenho projectual, a partir da qual reflectiremos acerca da correlação entre a configuração do espaço e os modos de habitar, mutuamente condicionantes. A subsequente observação de exemplos de distintos tipos de produção de habitação terá por base os estudos antropológico, sociológico e fenomenológico realizados e através dos quais se discorrerá sobre a habitação corrente e a habitação alternativa e respectivas influências no indivíduo.

Por fim, serão apresentados projectos de instalações efémeras - das mais arquitectónicas às mais artísticas -, aqui sugeridos como potenciadores de um mais completo entendimento da relação com o espaço. Pretende-se, com isso, aferir a possibilidade e pertinência de um panorama de maior correspondência entre habitante e espaço habitado, com base no desenvolvimento das capacidades perceptivas do sujeito.

ABSTRACT

The present dissertation aims to explore the relationship between the non specialized individual and architecture, namely in terms of housing. Understanding that in single-family housing the one who designs and the one who inhabits the space are too close to each other, we will be focused in multi-family housing. It matters, in that sense, to understand broad scenarios, representative of contemporary dwelling. To do so, we will address the inhabitant in his physical, sensitive and perceptive aspects, as an individual and as a collective. And then the individual, familiar and social elements which determine the needs and characteristics of the relationship between the inhabitant and his domestic space.

It will then be established an approach to project design, upon which we will reflect about the correlation between space configuration and ways of inhabiting. The subsequent observation of examples of different kinds of housing production will be based on the anthropological, sociological and phenomenological studies made, which will lead to the thinking of current housing and alternative housing and their influences on the individual.

Finally, we will present projects of ephemeral installations - from the most architectonic to the most artistic - here suggested as enhancers of a more complete understanding of the relationship with space. It is meant to check the possibility and pertinence of a state of closer match between inhabitant and inhabited space, based on the development of the individual's perceptive skills.

ÍNDICE

RESUMO	3
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO	9
I. SUJEITO E PERCEPÇÃO	13
_ Questão sensorial	17
_ <i>A auto-consciência</i> do corpo	21
_ Senso-comum	25
_ Habitante – espaço habitado	29
II. ESTRUTURA FAMILIAR E ESPAÇO DOMÉSTICO	33
_ A família	37
_ Morfologia espacial	41
III. O DESENHO COMO RESPOSTA E CONDICIONANTE	47
_ Distância e comportamento social	51
_ O Moderno	55
_ Agente e configuração	59
IV. O HABITAR CONTEMPORÂNEO	63
_ Produção corrente	67
_ Produção alternativa	79
V. INSTALAÇÃO EFÊMERA	95
_ O corpo como gerador de circunstância	99
_ Mecanismos e ferramentas perceptivos	103
_ Casos de estudo	111
SÍNTESE CONCLUSIVA	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
ÍNDICE DE IMAGENS	134

INTRODUÇÃO

É objectivo deste trabalho reflectir criticamente sobre a produção de habitação plurifamiliar na sociedade contemporânea. A forma como o indivíduo pensa a sua existência e a posição que assume perante o mundo são, cremos, matérias de arquitectura e devem inferir da sua actividade, no campo da teoria como no das práticas. A aferição das possibilidades de estimular uma maior consciência na produção e recepção de habitação e o desenvolvimento de um sentido transversal de responsabilidade comum sobre o espaço são, assim, competências específicas do arquitecto que interessa estudar.

Para tal, revelou-se necessário aprofundar temas que, não sendo directamente sobre o espaço, o informam e condicionam. Sociologia, antropologia, fenomenologia e filosofia tomam, por isso, um lugar importante na criação dos recursos necessários à compreensão da acção da arquitectura e da arte.

Por outro lado, a recorrência, num plano pessoal, de determinadas preocupações dá cor à sistematização da informação, apresentada de forma objectiva mas não procurando esconder essa presença íntima de questões advindas do percurso académico e de outros, quase nunca totalmente paralelos. Daí decorre o ponto de vista polifocal¹ em que assenta o espírito deste registo.

A dissertação estrutura-se, então, numa trajectória de aproximação aos casos práticos da habitação e da instalação efémera. Partindo do estudo sobre o sujeito, a família e o espaço, pretende-se esclarecer de onde partem e qual o contexto em que serão aqui analisadas as questões da arquitectura. Sempre fundamentando as ideias de responsabilidade e consequência, através destes temas ensaia-se uma abordagem à habitação que seja distinta da apreendida no exercício projectual académico, enriquecendo-a e tornando-a mais consistente.

A partir daí, e recorrendo ao estudo de projectos de arquitectura e de instalação efémera, pretende-se a verificação das matérias exploradas. Através de um olhar crítico e de questionamento, são trazidas para

¹ GAUSA, Manuel. “Mirada híbrida, mirada múltiple, mirada polifocal” in *Otra Mirada - Posiciones contra crónicas*. p. 34.

debate soluções convencionais e alternativas ao problema da *casa*, através das quais se discorre sobre as dimensões funcional e emotiva deste espaço. Sugere-se a importância das capacidades perceptivas do sujeito não especializado neste tipo de matérias nas suas oportunidades de materialização e, seguidamente, questiona-se a potencial pertinência de intervenções mais ou menos artísticas nesse processo.

Procura-se, sobretudo, desenvolver capacidades de análise e síntese das realidades complexas com que trabalha a disciplina.

Elencaremos, de seguida, algumas ideias transversais que pautaram o desenvolvimento deste trabalho e que contribuem para a definição do prisma pelo qual as questões serão aqui abordadas.

La mirada es aquello que hace que el espesor y la realidad de las cosas no estén en las cosas mismas, sino en nuestra mente (y en nuestra piel) y depende de la cantidad de correlaciones que una cierta estimulación sensorial consigue generar. Cuando hablamos de mirada no estamos hablando de una función ocular, la mirada es fisiológica, todo el cuerpo actúa como receptor. La mirada es mental y corporal, es mental y cultural. Cómo se construye la mirada. Cómo podemos construirla, cómo puede transformarse y con ella nuestra sección de realidad. Ésta es la pregunta que más nos interesa para el proyecto y la única que hemos querido dar forma.²

The ability of form to carry multiple meanings and to serve more than one purpose is, of course, a good thing. Multiplicity is what built environment is all about. But we can only describe by reduction – by partial interpretation for the sake of a better understanding of a whole that, by itself, will always escape full description.³

(...) all thought, whether straightforward (direct) or through a detour (indirect), must, ultimately be related to intuitions, thus, in

² VALDERRAMA, Luz. “Declaración de intenciones” (citando Manzini, *Artefactos*) in *Práctica[s] de Arquitectura - Luz Valderrama*. p. 1.

³ HABRAKEN, N. J. *The structure of the ordinary - form and control in the built environment*. p. 64.

*our case, to sensibility, since there is no other way in which objects can be given to us.*⁴

*Qualidade, luz, cor, profundidade, que estão ali perante nós, só lá estão porque despertam um eco no nosso corpo, porque ele as acolhe.*⁵

*We only see what we are aware of.*⁶

*Um valor que não treme é um valor morto.*⁷

⁴ KANT, Immanuel. *Critique of pure reason*. p. 172.

⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Olho e o Espírito*. p. 23.

⁶ WEINMILLER, Gesine. Conferência *Em Trânsito*. Casa da Música, 2009

⁷ BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. p. 243

I. SUJEITO E PERCEPÇÃO

Fig. 1. Marina Abramović. *Imponderabilia*. 1977.



A relação estabelecida entre o ser humano e o ambiente que o rodeia tende, à custa dos desenvolvimentos sociais e tecnológicos das sociedades ocidentais, a ser cada vez mais indirecta e impessoal. Também as convenções nas relações humanas deixam predeterminados os comportamentos, limitando o livre-arbítrio do indivíduo: a cada situação corresponde uma série de regras e códigos, dos mais formais aos mais tácitos; regras de etiqueta ou simples bom-senso, desde o início da vida todos somos introduzidos num plano comum de entendimento, que condicionará, para o bem e para o mal, a nossa forma de ver o mundo.

Por outro lado, o constante aumento de actividades automatizadas, concebidas para exigir o menos possível do seu utilizador, a vida nas cidades, em apartamentos standardizados de dimensões reduzidas, deixa-nos cada vez menos *em contacto* com as coisas em si mesmas, dando espaço a níveis de frustração sensorial⁸ questionáveis.

⁸ HALL, Edward T. *A Dimensão Oculta*. p. 190.

QUESTÃO SENSORIAL

*Instead of experiencing our being in the world, we behold it from outside as spectators of images projected on the surface of the retina.*⁹

Os sentidos, fonte primária de apreensão e interacção com o meio são, neste contexto e à excepção da visão, cada vez menos solicitados e integrados nas acções quotidianas; o seu papel é desvalorizado e as suas mais-valias encaradas como não essenciais tornando a relação corpo-espaco mediada ou inexistente.

Esta situação limita as capacidades perceptivas e reduz as experiências a um nível de simples observação, distanciando a nossa existência da sua correlação com o meio. O corpo e o espaco fora dele são postos em planos virtualmente separados da realidade, contribuindo para que o sujeito sinta não ter grande responsabilidade nesse campo. *How do we know that being in a space makes a difference?*, pergunta Olafur Eliasson¹⁰. Sem essa consciência, qualquer acção tem margem para ser considerada inconsequente, o que se pode revelar frustrante para o sujeito e potencialmente prejudicial para o contexto em que se insere.

Nesse sentido, torna-se pertinente potenciar uma relação mais franca, mais forte. Primeiro, pelo carácter enriquecedor que um maior investimento nos restantes sentidos poderia fornecer à experiência – pessoal mas partilhada – de cada sujeito; depois, pelo desenvolvimento de uma percepção mais completa da realidade, mais consciente da sua complexidade e dos diversos agentes que informam e moldam o nosso comportamento e acção. Segundo Edward T. Hall, o “ambiente” produz alterações efectivas no indivíduo, mesmo a nível fisiológico, ao longo das gerações. *Criando esse mundo, o homem determina, de facto, o organismo que vai ser.*¹¹

A importância do olfacto, neste âmbito, é bastante relativa. Culturalmente, nas sociedades ocidentais – e ao contrário, por exemplo,



Fig. 2. Haus-Rucker-Co. *Environment Transformer*: 1968.

⁹ PÉREZ-GÓMEZ, Alberto. *Questions of Perception: Phenomenology of Architecture*. p. 29.

¹⁰ ELIASSON, Olafur. *Playing with space and light*. TED Talk.

¹¹ HALL. p.15.

do que acontece nas árabes – este sentido é bastante neutro. Ainda que por vezes presente nas imediações de estabelecimentos comerciais, etc., nas zonas de crescimento mais recente, tendencialmente mais indiferenciadas também a nível visual e morfológico, o olfacto raras vezes é chamado a intervir na experiência urbana. A nível doméstico, essa ausência é ainda mais expressiva, embora não se trate, neste caso, de um elemento propriamente negado pelo contexto actual mas algo que não faz parte dos quadros de referência.

Pelo contrário, espaço visual e espaço auditivo têm influências claras na personalidade e nas redes sociais e culturais dos indivíduos: visão e audição são essenciais na recepção de informação a longa distância, mas são também os mecanismos através dos quais o sujeito é ensinado a filtrar e hierarquizar essa informação. O olhar – valorizado em determinado tipo de situações contemplativas – torna-se, ao mesmo tempo e ao longo do crescimento, quotidianamente mais utilitário. Olhamos para nos movermos e para interagirmos com o que nos rodeia, porque isso torna a actividade diária mais fácil; reduzido ao máximo o ornamento, o lugar da imaginação visual, do ver estimulante e criativo, encontra-se agora apatizado, absorvido pelos estímulos fechados dos monitores. A gestão dos campos visuais e da sua relação com o observador, por natureza dinâmico, recorre de forma geral a soluções genéricas, não tirando partido destes factores como potenciadores da experiência espacial.

Num processo semelhante, também a nível auditivo apenas se verifica maior cuidado quando programaticamente relevante. Não se tratando de auditórios ou outros locais com exigências acústicas específicas, a resposta arquitectónica é bastante directa e pouco questionada: garante-se o mínimo isolamento das divisões, entre si e face ao exterior, enquanto relações de natureza menos operativa permanecem por explorar.

Most architects, if they design for sound, what they're actually doing is designing for silence. They're designing to keep sound out of the environment. (...) There's a lot of talk within architecture of how to build something that's contextually specific and really responds to its site, but the "site" is almost always literally a question of sight, it's an optical relationship to the city.¹²

¹² MANAUH, Geoff. 99 Percent Invisible - Episode 21: *BLDGBLOG: On Sound*

No que remete para o tacto, o mais pessoal e mais directo sentido e forma de contacto, as questões tornam-se especialmente sensíveis. Entram aqui de forma mais expressiva noções de limite, de espaço pessoal, de intimidade. Neste campo, podem distinguir-se no toque duas realidades distintas: o tocar activo – acção intencional e controlada, através da qual interagimos com o ambiente e manipulamos objectos – e o tocar passivo – o ser tocado, de forma intencional e controlada ou não, que pode traduzir as mais diversas situações entre sujeitos partilhando um mesmo espaço, desde condições extremas como catástrofes, a gestos sociais banais, como ser interpelado. Assegurar que os espaços projectados possuem dimensões que permitam, com fluidez, que os utilizadores circulem e desenvolvam as suas actividades sem necessidade de se tocar é tido como um aspecto positivo; do ponto de vista funcional, considerando a eficácia com que é, assim, possível realizar determinadas acções, sê-lo-á, de facto. No entanto, será pertinente questionar que tipo de implicações essa premissa poderá ter na personalidade dos indivíduos. Se é verdade que factores de cariz sócio-cultural podem pôr em causa noções de colectividade e de comunidade, se é verdade que as realidades virtuais e a comunicação à distância nos fecham mais e mais sobre nós mesmos, não será menos verdade que o aumento da importância reconhecida a questões de privacidade e a consequente segmentação dos espaços domésticos darão também o seu contributo. Esta situação leva a questionar se, ao criar uma circunstância na qual é virtualmente possível viver numa mesma casa, numa mesma cidade, sem estabelecer qualquer espécie de contacto significativo com o outro, não estaremos também a dar espaço à imposição gradual de uma mentalidade que conceptualmente não defendemos.

Também o toque activo não é especialmente estimulado: a linha de acção parece ser circular pelo espaço, localizar visualmente os objectos com que terá de se estabelecer contacto e, então, manuseá-lo da forma mais directa e eficaz possível. Nenhum tipo de gratificação sensorial é alcançado, nem tão-pouco pretendido. Tanto o mobiliário como o próprio espaço doméstico parecem estar a perder oportunidades a este nível, centrando-se numa ideia de funcionalidade que se traduz numa espécie de gosto minimalista, sensorialmente neutro.

A este como a outros níveis, a percepção pode ser estimulada, como veremos, através de diversos tipos de mecanismos e abordagens. Na



Fig. 3. Archigram - Ron Herron, Warren Chalk, David Greene. *Electronic Tomato*. 1969.

sua relação com a arquitectura, um projecto que tenha em consideração não apenas a integração de elementos sensorialmente interessantes mas também a sua inteligibilidade pelo utilizador comum – à partida não especializado em matérias de espaço ou fenomenologia – revelar-se-á mais rico na resposta às necessidades do espaço habitado e contribuirá para elevar o nível de consciência – e, por extensão, de exigência – espacial e, assim, da qualidade da produção de habitação plurifamiliar num âmbito alargado.

A AUTO-CONSCIÊNCIA DO CORPO

Tendencialmente, no contacto com o mundo construído, somos impelidos a valorizar o lado funcional das coisas com que convivemos. Da grande escala – da relação entre os nossos pontos de referência e da agilidade com que conseguimos aceder-lhes – à forma como estão organizados os armários da nossa cozinha, tudo é *pensado*. Valorizamos a facilidade de acessos e a velocidade dos transportes, valorizamos a capacidade de arrumação e a praticidade do nosso espaço doméstico. Este constante imperativo racional e intelectual relega para um plano quase acessório o campo do *sentido*. A relação estabelecida entre o corpo e as coisas, de forma directa, empírica, a forma como somos implicados no mundo, sem mediação, sem racionalização, é tida como um luxo, se não simplesmente desconsiderada.

O corpo, do qual depende a nossa capacidade de acção e intervenção, não é tido como fundamental numa concepção generalizada do mundo; isso é especialmente claro a nível do espaço da casa, no qual se procura, acima de tudo, a tal funcionalidade. A resposta às exigências de pragmatismo e aos parâmetros aceites como mínimos (ver capítulo III), torna-se a grande referência dos critérios de percepção, avaliação e selecção de uma casa.

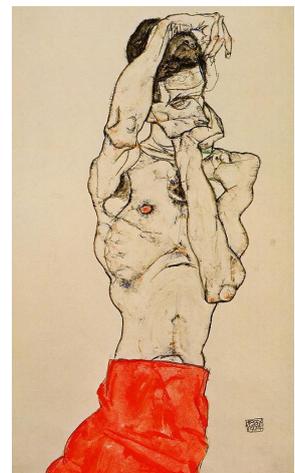
Esta “região antes da linguagem”¹⁴, não necessariamente nomeável – e, por isso, de mais difícil valorização e integração – condiciona a correlação sujeito-espaço, sobretudo no que diz respeito às necessidades subjectivas do primeiro:

A ideia de que possam existir necessidades suplementares para além de tais exigências de base choca com uma resistência que se deve pelo menos em parte à desconfiança dos americanos [e dos europeus] perante a informação de origem subjectiva. É possível medir com uma régua o alcance de um braço, mas é necessário recorrer a todo um conjunto de critérios inteiramente diversos quando se trata de apreciar as reacções de um indivíduo que se sente apertado.

¹³ MERLEAU-PONTY, p. 20.

¹⁴ BACHELARD, p. 193.

Fig. 4. Egon Schiele. *Homem nu com pano vermelho*. 1914.



Na observação de um espaço – e à semelhança da análise dos seus desenhos de projecto – a percepção geral assenta numa sucessão de fotogramas, imagens paradas e encerradas, a partir das quais se monta o modelo do espaço. Avançamos, de divisão em divisão, observamos atentamente, mas não retiramos dados conscientes dessas deslocações, não processamos o movimento do nosso corpo sobre o espaço e a sua simbiose. Assimilamos o espaço apenas na dimensão que nos é exterior, não nos incluímos no ambiente analisado. Excluindo essa presença dos seus critérios, a escolha e apropriação do espaço ficará sempre aquém da plena realização dos seus propósitos. Desta forma, quer-se e produz-se um tipo de habitação que responde a uma lista de necessidades, mais ou menos pré-estabelecidas e transversais, ligadas ao corpo apenas na sua dimensão racional, se lhe podemos chamar assim. Isto é: pelo menos desde o Movimento Moderno, o corpo é tido em conta na concepção morfológica da arquitectura, mas sobretudo de um ponto de vista físico, nas suas dimensões mensuráveis; analisa-se a quantidade de espaço ocupado por um corpo e garante-se que se pode mover sem constrangimentos. No entanto, à dimensão do corpo implicada na esfera psicológica e emotiva não é dado o mesmo valor: ainda que se procure que uma solução seja “agradável”, o requisito para que seja entendido como *bem feito*, é que seja *eficaz*, que resolva a questão. E isso é o mesmo que dizer funcional. Os demais aspectos a que se possa tentar responder entram, a partir daí, num campo subjectivo – e portanto variável e contestável – cuja discussão, por essas suas características, é mais difícil de sustentar e por isso evitada.

Mesmo noções como o conforto térmico, que estão sempre presentes, são tratadas num plano directo e algo redutor: têm importância a um nível imediato, mas não se discorre acerca das implicações psicológicas e comportamentais que factores como a temperatura ou os valores lumínicos podem ter no sujeito.

*Certos aspectos da personalidade ligados à actividade visual, cinestética, táctil, térmica podem ver o seu desenvolvimento inibido ou, pelo contrário, estimulado pelo meio ambiente.*¹⁵

Esse tipo de questão perceptiva está usualmente mais associado a estímulos de cariz visual e de longa distância, como a luz ou a cor, deixando, como vimos, estímulos de maior proximidade como o olfacto e o tacto por explorar. No entanto a pele, como órgão sensorial,

¹⁵ HALL. p. 77.

desempenha um papel decisivo na efectiva percepção do ambiente que nos rodeia. É através dela que se faz a gestão do bem-estar físico – e, por extensão, psicológico – a nível térmico, o que não se traduz apenas em controlar índices de conforto: calor e frio são determinantes na actuação do sujeito, condicionando a sua capacidade de resposta às situações. Tomemos como referência a situação apresentada por Hall¹⁶ acerca de uma experiência de multidão, na qual se prova que o desconforto associado a grandes concentrações de pessoas é directamente proporcional à temperatura ambiente. Um mesmo número de indivíduos por metro quadrado propicia reacções muito diversas caso se trate de um ambiente relativamente fresco ou, pelo contrário, demasiado quente. Perante o aumento da temperatura e na impossibilidade de ganhar espaço que o compense, a sensação de promiscuidade cresce e, com ela, o mal-estar generalizado, o nervosismo, os ataques de pânico. Esta situação torna, pelo seu carácter extremo, esta questão mais evidente. Ainda assim, não são de desprezar as potenciais consequências de uma recorrente má gestão do estado térmico dos indivíduos que, ainda que de forma mais subtil, pode ter implicações a longo prazo.

¹⁶ “A percepção do espaço - os receptores imediatos - pele e músculos: O espaço térmico” in *A Dimensão Oculta*. p. 71.

SENSO-COMUM

*The value system suggested by society at large unfortunately tends to favour fixed identities and few voices, based in limited concepts of what is good and bad, acceptable and non-acceptable.*¹⁷

A inserção do sujeito num plano comum de referência é uma realidade inevitável. Através da assimilação das ideias partilhadas pelos elementos do seu contexto mais ou menos próximo, ficam-lhe respondidas virtualmente todas as questões: certo e errado encontram-se já definidos, assim como o que é aceitável e expectável de cada elemento da comunidade. De enorme relevância e utilidade no desenvolvimento da personalidade – principalmente numa primeira fase da vida – o senso-comum permite a integração e garante o carácter identitário do jovem, fornecendo-lhe um quadro-base a partir do qual se relacionar com o mundo. Ao fazê-lo, propicia um entendimento estabilizado da realidade, assente nas ideias transmitidas pelas gerações anteriores, partindo do já conhecido, já experimentado, familiar.

Muito embora na actualidade o tipo de vida e de enquadramento sócio-económico das novas gerações tenda a não reproduzir o da geração precedente – nomeadamente devido ao progressivo aumento do nível de escolaridade – a experiência dos pais continua a ser transmitida aos seus filhos, na manutenção de determinados valores, tidos como essenciais e independentes das situações em concreto, isto é, transversais. Segundo a socióloga Martine Segalen, *de uma geração para outra, a experiência já não se transmite, os pais já não podem propor aos filhos os modelos da sua própria educação*¹⁸. Apesar disso, é o que parece acontecer: a ideia da transmissão dos valores está ainda muito presente, sem grande reajuste – nas questões de fundo – às características de cada geração; as circunstâncias alteram-se, o contexto evolui, mas determinadas ideias permanecem inquestionáveis. Esta situação cria, por um lado, uma maior dificuldade de adaptação e reacção aquando de contactos com outras realidades e, por outro, deixa o sujeito menos livre para perceber e construir por si mesmo o seu lugar no mundo e a forma de levar a cabo

¹⁷ ELIASSON, Olafur. *Your engament has consequences* in olafureliasson.net

¹⁸ SEGALLEN, Martine. *Sociologia da Família*. p. 217.

www.priberam.pt/dlpo/
disciplina [consultado em 27-
07-2014].



Fig. 5. Andy Warhol.
Outer and Inner Space. 1965.

dis-ci-pli-na
substantivo feminino

1. Conjunto de leis ou ordens que regem certas colectividades.
2. Boa ordem e respeito.
3. Submissão, obediência.
4. Instrução e educação.
 5. Ensino.
6. Acção dirigente de um mestre.
7. Estudo de um ramo do saber humano.
 8. Autoridade.
9. Obediência à autoridade.

a sua própria existência. Reduz, pois, as suas possibilidades de auto-determinação.

As experiências pessoais, sujeitas às especificidades de cada momento e, por isso, potencialmente *novas* estão, também elas, inseridas num *quadro de referência já modelado*, pelo que não podem constituir um *ponto de referência estável*¹⁹ e neutro a partir do qual estabelecer uma concepção do mundo. Ou seja, com ou sem a sucessiva herança de valores antecedentes, essa visão totalmente limpa, que permitiria um estado de efectiva objectividade é, por isso, necessariamente uma falácia.

*Not knowing is not a form of ignorance but a difficult transcendence of knowledge. This is the price that must be paid for an oeuvre to be, at all times, a sort of new beginning, which makes its creation an exercise in freedom.*²⁰

As últimas décadas trouxeram alterações a nível das formas de relação e de vida que não parecem ter sido demasiado desestabilizadoras. A relativamente recente situação profissional da mulher, determinante na sua posição social e na sua relação com o espaço doméstico e familiar; o trabalho à distância, realizado online a partir da casa em que coincidem, assim, o local de habitação e o local de trabalho; os novos modelos de família e parentalidade (que desenvolveremos adiante), etc; nenhum destes novos inputs é encarado como prejudicial, coexistindo de forma aparentemente pacífica com os restantes paradigmas. Tal facto pode ser justificado com a cada vez maior mediatização dessas alterações, desses novos paradigmas que, assim, vão sendo introduzidos no conhecimento da sociedade, de forma generalizada. Estes distintos quadros de referência, que convivem sem problemas, parecem não estar, ainda assim, realmente integrados, já que o contacto entre eles se revela apenas circunstancial. Genericamente, qualquer um está disposto a aceitar que o *outro* viva a sua vida da forma que mais lhe faz sentido, mas a situação muda de figura quando isso o implica de forma mais directa. Esse distanciamento, estabelecido entre o eu e o outro, é determinante no funcionamento e regulação sociais entre grupos de

¹⁹ HALL. p. 13.

²⁰ Jean Lescure, citado em BACHELARD. p. 24.

contextos económicos e culturais diferenciados. Cada grupo constitui-se das suas próprias especificidades internas, tendendo os círculos dos seus membros a cruzar-se entre si, saindo pouco da esfera em que se inserem, como documenta Martine Segalen: *Numerosas investigações demonstraram que as pessoas desposam os seus semelhantes, em todas as camadas sociais. Esta homogamia social é reforçada por uma homogamia geográfica.*²¹

Dessa forma, adoptando uma postura pouco interventiva, pouco participativa – em relação à própria esfera como às restantes – evita-se também a reavaliação e eventual reestruturação internas implicadas no processo de integração de novos elementos no nosso plano pessoal de pensamento e acção. Isso traduz-se num espírito quotidiano de uma espécie de “tolerância à distância”, que permite uma aparente aceitação, uma ausência de conflito assumido, entre concepções díspares da vida e do mundo. Quando, por qualquer motivo, as realidades se cruzam, o senso-comum curto-circuita-se. Apenas arriscando-se em novos ambientes, experimentando novas perspectivas, pode o indivíduo acrescentar novas referências ao plano colectivo em que se insere, abrindo a realidade, em vez de a fechar em si mesma.

[Ao poder alegar loucura ou anomalia] *a sentença que condena ou absolve não é simplesmente um julgamento de culpa, uma decisão legal que sanciona; ela implica uma apreciação de normalidade e uma prescrição técnica para uma normalização possível.*²²

Este conceito de normalidade fundamentado, como Foucault revela, na própria ideia de justiça e de regulação social, é a base de todo o senso-comum. O seu poder não se manifesta, pois, apenas nas relações pessoais: tem poder jurídico e legal. Toda a fuga aos padrões instituídos, toda a subversão, é vista, por isso, como desaconselhável e reprovável. Sociedade e direito têm vindo a evoluir no sentido de melhor integrar as diferenças, dando espaço a comportamentos mais livres e variados. A linha traçada entre legal e ilegal, entre aceite e rejeitado continua, porém, a ser limitadora e iníqua e, assim, permanentemente posta em causa. De todo o modo, obtenção de direitos legais não é sinónimo de real integração cultural, criando discrepâncias entre o reconhecimento

²¹ SEGALEN. p. 138-139.

²² FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. p. 21-22.

Fig. 6. Victor Hugo Pontes. *Manual de Instruções*. 2009.



da legitimidade dos comportamentos e a sua pacífica vivência diária em sociedade.

Forms of understanding diminish the need for more explicit agreement. What is already understood require neither negotiation, nor confirmation, nor documentation. What needs to be written down, to be drawn or otherwise put on record, is only what is not yet clear.²³

HABITANTE - ESPAÇO HABITADO

(...) We, individually, seem to have lost ground on the possibility of making effective choices about our personal existence and destiny.²⁴

A “casa”, no seu âmbito mais lato, é aqui entendida como materialização do espaço interno do sujeito, como local privilegiado de segurança, estabilidade e liberdade. É função primordial da arquitectura procurar resposta para as necessidades básicas, necessidades do corpo, construindo abrigos da intempérie e aprimorando, ao longo do tempo, as suas valências. Desse modo, e especialmente no que toca à habitação, é agora expectável que forneça aos indivíduos *o refúgio onde se abandonam a si próprios*, tornando-lhes possível que *sejam apenas o que sentem ser*.²⁵

A expressão *recantos de solidão*, utilizada por Bachelard²⁶ vem precisamente de encontro a esta ideia de proximidade, de correlação entre a casa e quem a vive. Num panorama urbano, se pensarmos na casa enquanto módulo individual de que se compõem os grandes edifícios de habitação plurifamiliar, o seu papel já não é propriamente o de proteger da intempérie; esse papel protector do corpo cabe ao conjunto, ao edifício como um todo. Apesar disso, a casa continua a existir enquanto mecanismo de gestão da distância, enquanto figura que protege do *exterior*, cujos perigos e riscos não estão agora tão restritos a uma potencial perda de bem-estar físico, antes se relacionam com a vida nas cidades, impessoal, acelerada. Tudo apela permanentemente a uma acção contínua, tudo é interactivo e tudo exige resposta: desde as redes sociais à campanha que não pára de tocar com toda a espécie de serviços e produtos não solicitados; e há quase que uma obrigação tácita de colaborar, de actualizar, de atender, de responder. Embora a sociedade pareça relativizar a sua importância, a necessidade de imobilidade é real. A *casa* deve continuar, por isso, a ser também a possibilidade desse lugar de silêncio e de solidão.

²⁴ PÉREZ-GÓMEZ. p. 9.

²⁵ HALL. p. 128.

²⁶ BACHELARD. p. 146.

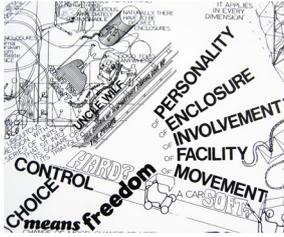


Fig. 7. Archigram - Peter Cook. *Control or Choice*. 1966.

*Escolher pertence à fenomenologia do verbo habitar.*²⁷ O espaço doméstico é, assim, por natureza e definição, aquele que se constrói de uma maior possibilidade de acção por parte do seu habitante, onde pode ser chamado a intervir de forma mais directa e mais pessoal do que em qualquer outra situação.

Se uma abordagem que define à partida todos os espaços como divisões fixas e orientadas para as suas funções pré-estabelecidas é responsável pela maioria das decisões determinantes, a possibilidade de um tipo de organização e configuração que permita um maior grau de variabilidade, um certo nível de indefinição, pressupõe uma maior exigência na participação do sujeito enquanto agente. Nesse caso, este não se limita a aceitar passivamente uma concepção auto-referenciada – porque completa em si mesma e a priori – de um espaço-tipo, antes age sobre o espaço que, assim, funciona como matéria-prima conjunta, do arquitecto e do habitante. Posto isto, naquele que é o mais seu dos espaços há, por uma lado, a oportunidade de uma intervenção mais expressiva e, por outro, a responsabilidade que daí advém; seria demasiado inocente acreditar que essa possibilidade se pudesse reflectir numa verdadeira vontade de dar esse passo, de correr esse risco.

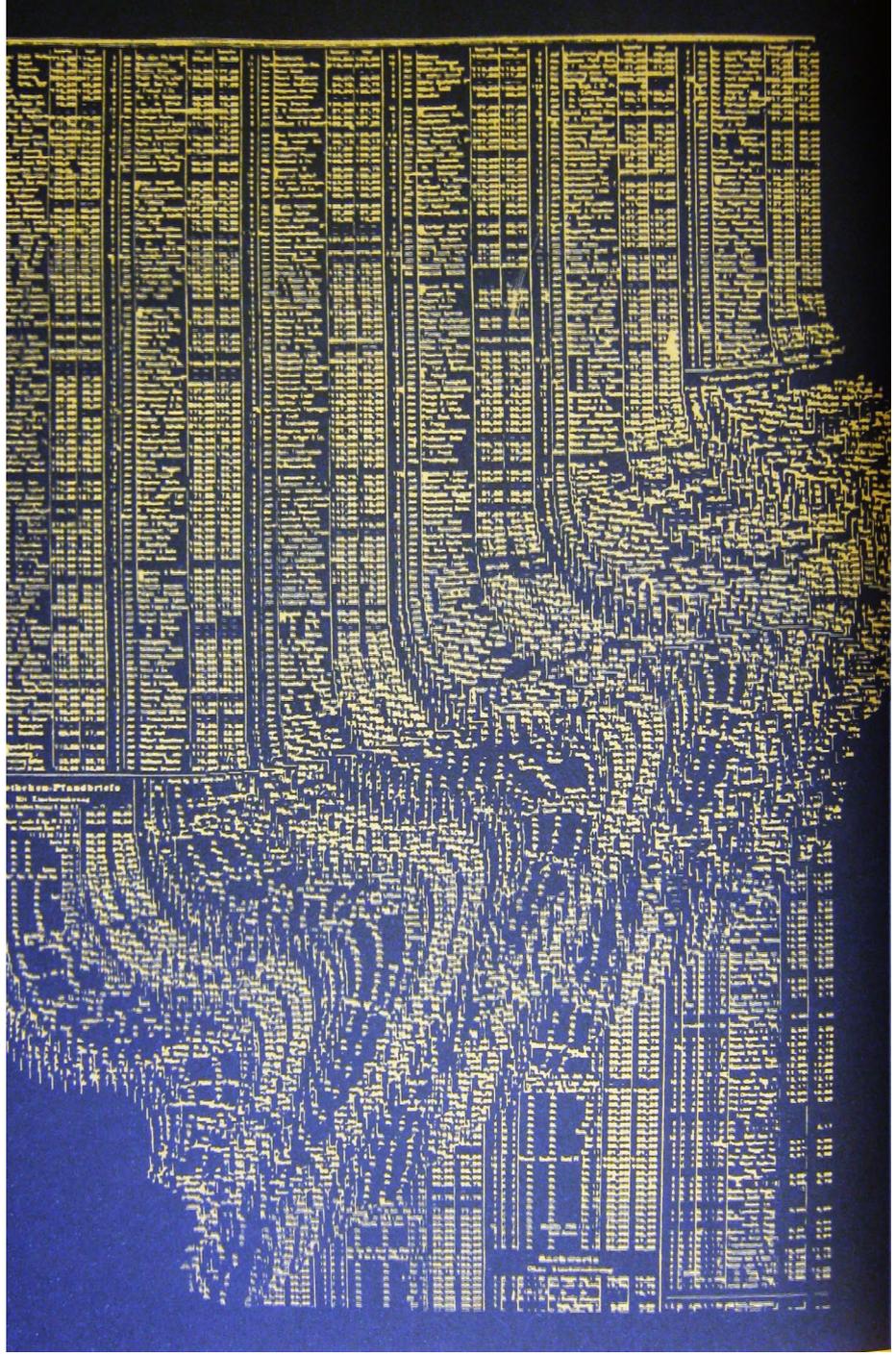
Esta espécie de novo paradigma que se poderia montar em torno de um tipo de habitação mais participado permitiria um leque mais variado de soluções, mais adaptadas a cada habitante e às suas particularidades, sem impedir a continuidade das soluções mais comuns. No entanto, para que daí pudesse resultar alguma vantagem real no âmbito da correspondência entre habitante e espaço habitado, seria imprescindível, primeiro, que o habitante tivesse essa vontade – algo que não lhe pode realmente ser exigido – e, depois, que soubesse o que fazer com esse espaço, físico e conceptual, que teria entre mãos. O cidadão comum, o nosso sujeito não especializado, não tem por que possuir as ferramentas intelectuais específicas para que esse tipo de trabalho possa ter lugar. Pode dizer-se, nesse sentido, que não bastaria “apenas” adaptar o trabalho projectual a novos parâmetros, mas também, e sobretudo, desenvolver nos indivíduos, pessoal e colectivamente, capacidades perceptivas que lhes permitissem *pensar-se* e *construir-se* de forma mais honesta e consequente, que permitissem à *casa*, recuperar o seu carácter de refúgio, ninho protector, local por excelência de existir sem limites.

²⁷ BACHELARD. p. 197.

Estabelecido o entendimento deste espaço concreto como materialização de um espaço interno, torna-se claro que as possibilidades dessa construção são directamente proporcionais à capacidade perceptiva do sujeito em relação a si próprio, às suas expectativas e desejos, por um lado, e em relação às valências exigíveis do trabalho projectual, por outro. Consequentemente, quanto maior for a bagagem de referências com que o sujeito parte para a definição, mais ou menos consciente, do seu habitat, mais profícua poderá ser a relação entre ambos.

II. ESTRUTURA FAMILIAR E ESPAÇO DOMÉSTICO

Fig. 8. Federico Soriano. *Fotocopia movida del listin telefónico*. 2010.



A evolução das relações pessoais, a forma como se configuram ao longo do tempo, está intimamente ligada à materialização do espaço que as acolhe. Abordámos já o tipo de correlação que o indivíduo estabelece com o seu espaço doméstico; interessa, agora, transpor essa relação para um contexto mais complexo e instável, o contexto das relações familiares. Aqui, para além de uma evolução de carácter mais linear e progressivo, que se pode estabelecer de um ponto de vista mais ou menos histórico, existe também, num panorama recente, uma condição de variabilidade onde diversas ramificações dos conceitos de família e vida pessoal coabitam. As condicionantes a que o desenho do espaço da casa deve responder são, por isso, cada vez mais diversas. Impõe-se, então, a necessidade de um olhar atento às especificidades dos novos paradigmas, integrando-os no acto muitas vezes genérico de produzir habitação.

A FAMÍLIA

Plano transversal e aglutinador, é através da família que se processa a interface entre o indivíduo e a sociedade. Funciona, assim, como plataforma de mediação, um primeiro plano exterior ao *eu*, no qual é ainda possível ser com poucas restrições, e que educa para o contacto com a sociedade e o mundo. De todo o modo, o tipo de relações internas de que se compõe, como as dinâmicas sociais de que provém, faz da família um mecanismo em contínua mutação. A sua definição assenta em diversos factores e condicionantes de várias ordens: demográficas, económicas, culturais, jurídicas. Assim se montam os distintos quadros que geram, historicamente, conceitos de família e grupos domésticos diferenciados. Desta forma, e através de atributos herdados ou adquiridos, nas sociedades *tendem a definir-se conjuntos de lugares na estrutura social, ou sistemas de posições sociais diferenciadas, que as pessoas ocupam e que, em certa medida, padronizam os respectivos relacionamentos.*²⁸

As mais expressivas alterações, no passado recente, referem-se à mudança no papel social e familiar da mulher. A sua saída de um plano considerado inferior – restrito aos trabalhos domésticos e educação dos filhos – para um nível de maior autonomia e progressiva integração no mercado de trabalho, levou a uma profunda desestabilização de um contexto, até então, quase exclusivamente masculino. Ainda assim, e apesar de ter tido de conquistar uma série de direitos atribuídos a priori ao homem, a mulher profissional não perdeu a responsabilidade da gestão da casa tendo, em vez de partilhado, acumulado funções.

O reconhecimento do seu direito à vida profissional faz-se a custo, mas é no plano familiar que as diferenças mais tardam em produzir efeitos práticos. Isso leva inclusivamente a que, nos anos 70, o movimento feminista faça uma radical crítica à família enquanto “instituição”: nesse contexto, a família era apontada como mecanismo de transmissão de alienações sociais – em particular da mulher – e fábrica de ideologias autoritárias e de estruturas mentais conservadoras.

A família fornece “produtos acabados” que têm necessidade de um chefe na medida em que são castradores. Assim se explica que a

Fig. 9. Cindy Sherman. Sem título 122. 1983.



²⁸ COSTA, António Firmino da. *Sociologia*. p. 53.

*todas as ditaduras corresponda um fortalecimento da família, com um desenvolvimento de uma apologia do sistema familiar.*²⁹

Apesar disso, e numa sociedade que se vê transformar cada vez mais depressa e de forma mais repentina, numa sociedade tendencialmente individualista, a família e a sua inércia representam também uma certa estabilidade, um porto-seguro; é, por isso, possível associar-lhe as mesmas características de refúgio com que definimos o espaço doméstico a que corresponde uma verdadeira materialização do *eu*. Essa entidade interna pode, então, ser encarada colectivamente, sendo possível ao grupo doméstico – que está para lá da *família* stricto sensu – ser o elemento-base do sentimento de pertença e integração.

Esta premissa de que a ligação de referência possa não estar necessariamente vinculada a relações de parentesco, ou seja, que outros factores infiram dessa proximidade, leva também à relativização dos laços de sangue; em certa medida, essa busca permanente de identificação admite a possibilidade de outras fontes que não apenas a família, existindo outras afinidades a partir das quais se formam novos núcleos, que não têm por que corresponder ao modelo familiar precedente.

38

Perceber a relação que as diferentes gerações das últimas décadas – e no contexto das sociedades ocidentais – têm vindo a estabelecer com a ideia de casamento, é bastante exemplificativo desta situação. Durante os anos 50 e 60, devido à generalização da livre escolha do cônjuge, o casamento representava uma libertação, uma saída do domínio dos pais, cuja autoridade era, por essa via, transferida para os filhos. Essa atitude de uma certa ruptura geracional, enquadrada no contexto sócio-cultural, acabou por culminar num aumento do número de divórcios em meados da década de 70, na qual terá sido relevante o movimento feminista mais radical a que aludimos. Como consequência, a partir do final dos anos 80 e início dos 90, cresceu o conceito de coabitação, assente na recusa do casamento enquanto ferramenta de institucionalização. A falta de autonomia em relação aos pais não é já justificação para o casamento, agora entendido como passagem do *domínio privado para o domínio público através de uma legalização e de uma cerimónia*.³⁰ A vida pessoal é entendida como um bem a manter a uma certa distância do *exterior*, resgatando as opções individuais do plano abrangente da

²⁹ Roger Dadoun, citado em SEGALÉN. p. 33.

³⁰ Ibidem. p. 133.

família de origem – e, através dela e de uma celebração pública, da sociedade – e transferindo-as para o âmbito restrito do novo grupo doméstico, cuja proximidade pode não se traduzir em parentesco legal. Esta situação acarreta uma série de implicações, nomeadamente a nível do reconhecimento do poder de decisão mútua acerca da vida dos elementos do casal e eventual descendência.

Este novo amor tem duas características: é absoluto e está como que votado à efemeridade. A recusa do casamento é a recusa de submeter a relação do casal a outras forças que não a dos sentimentos. O amor pertence essencialmente à ordem do privado, no qual a ingerência do Estado parece insuportável. As expectativas que pesam sobre o casal são múltiplas: afectivas, sexuais, materiais. Não deixam lugar à transacção, o que explica tanto o número de divórcios como as rupturas das uniões de facto. A noção de casal «fundido» da década de 60, cujo projecto estava inscrito no tempo, estaria a ser substituída pela escolha do efémero.³¹

Apesar desta mudança de paradigma verifica-se alguma inércia face à reavaliação da situação e das suas implicações: (...) *a constituição do casal conhece novas formas, mas os mecanismos sociais de união, garantes da reprodução social, permaneceram globalmente idênticos.*³²

Neste âmbito dos novos grupos domésticos, podem encontrar-se, fazendo uma síntese relativamente simplificativa: os casais hétero ou homossexuais, unidos pelo casamento civil ou em regime de coabitação, com ou sem filhos, bem como as famílias unipessoais, quer se trate de pessoa solteira ou não.³³

Paralelamente, é relevante referir a possibilidade de não correspondência entre grupo doméstico e unidade residencial, i.e., quando numa mesma habitação, numa mesma casa, residem vários grupos domésticos. Aí, podem coexistir todos os grupos domésticos que referimos, quer em estruturas “horizontais” – em que vários grupos partilham residência de forma equitativa, em igualdade face ao espaço – quer em estruturas “hierárquicas” – nas quais um dos grupos tem preponderância perante os demais. Trata-se, aqui, do *viver com*, que varia

³¹ Ibidem. p. 153.

³² Ibidem. p. 215.

³³ *Na ausência de partilha de uma unidade residencial, é muito difícil precisar a noção de casal, tal como aliás a de solteiro ou a de pessoa que vive só.* Ibidem. p. 156.

independentemente das pessoas em concreto que constituam a unidade: filhos que vivem com os pais representam uma situação, em todos os aspectos, diferente da de pais que vivem com os filhos, por exemplo. Em ambos os casos, podem existir laços de parentesco (sejam de sangue ou de afinidade), ou não, tratando-se de amigos, colegas de trabalho, ou mesmo pessoas desconhecidas, através do aluguer de quartos, etc..

A toda esta já complexa rede de potenciais relações, acresce a questão do divórcio, que fragmenta os elementos do casal, multiplicando as situações possíveis de organização entre cada um dos cônjuges, que pode permanecer sozinho ou refazer um casal, tendo ou não filhos a seu cargo, abrindo a discussão das questões que dizem respeito à co-adoção.

MORFOLOGIA ESPACIAL

Conforme vimos, a identificação com o lugar que habita é da maior relevância para o indivíduo. A existência de um espaço onde possa ser e estar, sem qualquer pressão, com que se identifique e que intimamente lhe corresponda, é essencial para o seu desenvolvimento e para a construção da sua relação consigo mesmo e com o exterior. Isto aplica-se tanto ao indivíduo singularmente como ao conjunto familiar enquanto unidade que partilha o mesmo *espaço*, no sentido a que acabámos de nos referir. Grupo e espaço domésticos são, portanto, conceitos cuja relação e implicações evoluem em conjunto, condicionando-se e potenciando-se mutuamente.

A disposição actual das habitações, que os americanos e os europeus consideram como óbvia, é, na realidade, uma aquisição recente. Como indica Philippe Ariès em L'Enfant et la Vie Familiale sous l'Ancien Régime, até ao século XVIII, as divisões não tinham funções fixas nas casas europeias. Os membros da família não podiam isolar-se, como hoje fazem. Não existiam espaços privados ou especializados. As pessoas estranhas à casa entravam e saíam à vontade, enquanto as camas ou as mesas se armavam ou desarmavam segundo o humor ou o apetite dos ocupantes. (...) No século XVIII, a estrutura da casa mudou. Em francês, passa a distinguir-se o quarto (chambre) da sala (salle). Em inglês, o nome dado às diversas divisões designa a sua função – bedroom, living-room, dining-room. As divisões foram dispostas a darem para um corredor ou um hall como as casas dão para a rua. A partir de então, os ocupantes deixaram de atravessar as divisões de enfiada, umas após as outras, para se deslocarem dentro de casa. Livre da antiga atmosfera de quermesse, e protegida por novos espaços, a estrutura familiar começou a estabilizar-se e, dentro em breve, exprimia-se na morfologia das casas.³⁴

A morfologia do espaço doméstico deve acompanhar as características específicas das diversas concepções de família, dando corpo e resposta às suas necessidades. Os valores e as expectativas a que

³⁴ HALL, p. 122.

as estruturas familiares se vão ajustando ao longo das gerações – e, por vezes, até mesmo durante uma única – desenvolvem-se paulatinamente, a um ritmo que resulta imperceptível até que haja uma certa distância entre a análise e os factos observados. Ainda assim, uma vez construído, o espaço que foi pensado para elas não tem, à partida, como se seguir adaptando a essas mudanças; é mais estático, nesse sentido. O que levanta uma outra questão: mesmo que cada casa fosse concebida na perfeita correspondência à circunstância familiar a que se destina, como poderia a arquitectura continuar a responder com igual eficácia a questões variáveis que não param de se metamorfosear? E, perante essa dificuldade, como podem os grupos domésticos moldar-se à permanência de estruturas que não lhes são necessariamente apropriadas, sem abdicar de possibilidades que, sem o espaço que lhes dê espaço, não terão sequer oportunidade de explorar?

É verdade que muitas das diferenças a este nível, nas estruturas familiares, não são expressivas; não porque não existam, antes porque não têm essa possibilidade de desenvolvimento que lhes daria visibilidade: estão condicionadas por uma realidade física que não corresponde à sua efectiva projecção. *Como será que as famílias, que cada vez mais são de geometria variável, vivem estas transformações familiares? Como se poderá trocar as voltas ao já construído, que é, ao que parece, perene?*³⁵

O desenho projectual pode, nesse sentido, dar um importante contributo, ao introduzir um nível de indeterminação que permita ao habitante uma maior margem de manobra na adaptação do e ao espaço que lhe é dado para nele existir. Desenvolveremos com mais atenção esta ideia no capítulo seguinte.

Esta estabilização das estruturas familiares e a conseqüente origem de espaços privados e especializados por usos de que nos fala Hall, é corroborada por Segalen, que acrescenta à discussão as questões materiais e construtivas. Segundo a socióloga, a essa mudança no século XVIII corresponde um tipo de construção com elementos mais resistentes e, por isso, mais fixos, que impõem restrições à organização da família no espaço. Esta influência dá-se, pois, em ambos os sentidos: se por um lado, a nova estrutura familiar gera alterações morfológicas que a acompanham, o contrário também é verdade, contribuindo a configuração tipológica alcançada para a fixação de um modelo familiar.

³⁵ SEGALEN. p. 280.

*As estruturas construídas em materiais temporários alteram a sua forma consoante o número e a natureza dos indivíduos que aí vivem, e é o grupo de residência que determina as dimensões do habitat e não o contrário. É claro que a sociedade tem de encontrar um sistema que permita às famílias desenvolverem-se, mudando de casa ou acrescentando uma nova divisão. Com os materiais leves, a correspondência entre residência e família é mais estreita.*³⁶

Neste sentido, abre-se uma série de novos desafios em torno das possibilidades de tornar espaciais estas características, necessidades e expectativas, advindas das alterações familiares supra mencionadas. A organização interna de um indivíduo que viva sozinho será, decerto, distinta da de um casal que acolhe os pais de um dos cônjuges e o filho fruto de uma relação anterior do outro. Entre estes dois exemplos extremos verifica-se toda a espécie de situações intermédias, cuja materialização não deveria limitar-se à gestão do número de metros quadrados e de divisões. Para além disso, todos estes cenários são, em grande medida, apenas circunstanciais; mesmo aqueles que possam ser entendidos como mais definitivos, estão sujeitos a constantes mudanças, de diferentes naturezas. A chegada de um filho (biológico ou adoptivo); uma separação; a recepção de um parente ou amigo que, por força de uma qualquer dificuldade financeira se vê temporariamente desalojado ou de um familiar idoso impossibilitado de viver sozinho... Ademais da diversidade dos grupos domésticos da actualidade, é imperioso ter em consideração a variabilidade a que estão sujeitos. Mesmo alterações subtis e de difícil percepção em estudos ou estatísticas podem influir de forma expressiva na vida quotidiana e no bem-estar de um grupo residente. Tomemos por um momento o exemplo de um casal, cujo estatuto legal – i.e., casado ou em união de facto – e orientação sexual são irrelevantes, que vive em conjunto há várias décadas. Ao longo dos anos, os dois foram apropriando-se do espaço que escolheram para si, aquele que melhor correspondia às necessidades que sabiam ter naquele momento; foram adaptando-o, moldando-o a si próprios e às suas circunstâncias. Em determinado momento, decidem pôr termo à sua relação. A consequência que se adivinha lógica é a de que viverão, daí em diante, cada um na sua própria casa; no entanto, e no momento

Y es que aunque durante el bachillerato estudiamos que el peso era una fuerza, ahora debemos aprender a reconocerlo como un misterio. Como nos demuestra cualquier piedra puesta a propósito en pie, el peso está relacionado con la creación de una exigencia de silencio. La familiaridad con lo común demanda palabras mientras que el contacto con lo único, con lo erigido, determina su falta, e impone silencio. Si la inteligencia se atribuye palabras para encuadrar su campo de acción en el mundo, una inteligencia penetrante y callada, la confianza, quiere silencio. El gesto del peso de una piedra puesta en pie es advertir sobre ese extenso dominio de la confianza.

SANTA-MARÍA, Luis Martínez. – “Cuarto Oculito XV” in *El Libro de los Cuartos*. p. 79.

43

Space Undefined by Enclosure: Enclosures are not the only forms that claim space. The isolated dolmen erected in Neolithic times still dominates the space around it. Approaching the upright stone, at a certain point we seem to cross a boundary. The anthropomorphic presence of the stone lends it power. It is as though we were encountering an individual who occupies space by force of personality. Solitary tree, cenotaph, and bell tower convey a similar spatial presence. But monumentality implies singularity.

HABRAKEN, p. 57.

³⁶ Jack Goody, citado em SEGALÉN. p. 64.

económico mundial que vivemos, isso não é necessariamente exequível. Multiplicam-se, pois, os casos de casais separados que permanecem no mesmo grupo residente. Em termos administrativos nada mudou, aquele espaço doméstico continua a ser constituído pelos mesmos dois elementos. No entanto, na dinâmica interna, na vivência do espaço que costumava ser de ambos, ocorrerão modificações difíceis de postergar.

Uma vez mais, a habitação plurifamiliar, pelo seu carácter generalizante, tende a fornecer uma resposta pouco flexível a estas alterações no foro relacional íntimo do habitante, condicionando as suas possibilidades de acção e satisfação pessoal relativamente ao espaço. Manuel Gausa aborda esta situação no texto *Vivienda: más por menos*:

En un marco proclive a lo estándar – por parte de promotores públicos y, en última instancia, también privados –, el tema de la vivienda sigue constituyendo, pues, un campo todavía fuertemente esclerótico caracterizado por el convencionalismo y la repetición de unos arquetipos acomodados a las seguras pautas de un ambiguo neolenguaje eclético y conservador; incluso en momentos como el actual, cuando parece despertar en la disciplina una clara voluntad de reproposición teórica del tema.³⁷

44

Esta vontade de questionamento dos parâmetros estabelecidos é uma corrente de exploração, não apenas no campo teórico mas também a nível da própria construção. São já inúmeros os exemplos de edifícios que investigam sobre novas práticas projectuais, o seu reflexo nas vivências e vice-versa, procurando soluções eficazes para a diversidade de situações que a sociedade contemporânea concentra. Ainda assim, este é um trabalho que se manifesta eminentemente em circuitos académicos ou marcadamente experimentais, não tendo conhecido ainda uma aplicação que abranja a generalidade das populações, ao não estar integrada nas lógicas e interesses do mercado e especulação imobiliários, funcionando quase sempre num plano paralelo.

³⁷ GAUSA, Manuel. “Vivienda: más por menos” in *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. p. 139.

III. O DESENHO COMO RESPOSTA E CONDICIONANTE

Fig. 10. Archigram - Ron Herron. *Timed Suburb*. 1968.



Como tem vindo a ser observado, a relação estabelecida com o espaço doméstico é o exemplo mais pessoal e íntimo da influência e impacto da arquitectura e do desenho projectual na personalidade e qualidade de vida do sujeito. Funciona simultaneamente como potenciador e inibidor de sentimentos e capacidades perceptivas que estão para lá do contexto restrito do entendimento da casa, podendo, na verdade, ser utilizada como ferramenta transversal, tão intelectual como pragmática.

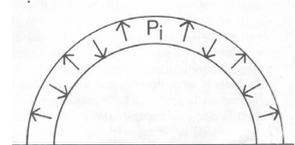
A sua postura perante o *eu* e o *outro*, por outras palavras, as componentes pessoal e social do indivíduo encontram-se, pois, numa espécie de observatório do que não deixa de ser uma experiência algo laboratorial, esse processo de *desenhar* habitação. A pertinência de eventuais descobertas depende do tipo de abordagem com que se pretenda empreender a tarefa: da continuidade de princípios que, em maior ou menor medida, respondem aos parâmetros pré-estabelecidos que conhecemos, dificilmente poderão surgir novos resultados. Quaisquer mudanças no carácter da intervenção a levar a cabo – qualquer nova variável na equação – poderão abrir caminho e campo de trabalho às práticas da disciplina.

DISTÂNCIA E COMPORTAMENTO SOCIAL

Apesar da *progressiva autocontenção afectivo-emocional*³⁸ dos habitantes das sociedades ocidentais, o lado instintivo inerente ao ser humano não deixa de ter peso na forma como nos relacionamos uns com os outros e perante as distintas situações com que nos deparamos. Algumas reacções estão para lá da nossa capacidade de controlo: sensações de perigo, medo, aperto, respostas fisiológicas à temperatura, ao cansaço, ao stress... Trata-se de uma dimensão sempre presente, ainda que funcionando em segundo plano e que, por muito “educadas” que sejam as suas exteriorizações, deixa o seu rasto a nível interno. O tipo de recepção destas situações, a forma como o indivíduo acolhe e processa a informação subterrânea que lhe chega através dos seus impulsos, é determinante na sua conduta e na sua forma de ver o mundo e a vida. Ainda que não directamente mensuráveis, estas questões não deixarão de ser relevantes no desenho do espaço podendo este, a longo prazo e através de uma sensibilidade acrescida, ter um impacto efectivo no corpo psicológico do sujeito.

Aproximidade física marca as possibilidades de relação interpessoal: de acordo com a circunstância, de acordo com o ambiente – e tendo disso consciência ou não – o sujeito necessitará de maior ou menor distanciamento face a agentes externos. É através dos mecanismos de gestão da distância que se regula a relação eu-mundo: (...) *a constituição do Eu está intimamente ligada à possibilidade de utilizar explicitamente limites materiais*.³⁹ As experiências com animais descritas por Hall⁴⁰ e a transposição que propõe para este plano são não apenas pertinentes como eficazes na objectivação e clarificação desta ideia e dos propósitos de reflexão sobre a sensibilidade perceptiva que temos aqui entre mãos. Através da análise de um elevado número de gerações sucessivas num intervalo temporal relativamente curto, o estudo comportamental de diversos mamíferos e aves revela questões transversais. Relações

Fig. 11. Pressão interna em estruturas insufladas, in HERZOG, Thomas.



³⁸ COSTA. p. 65.

³⁹ HALL. p. 23.

⁴⁰ “Regulação da distância nos animais” e “Comportamento social e excesso de população nos animais” in *A Dimensão Oculta*. p. 19-54.

sociais e reprodutivas, de gestão dos excessos populacionais traduzidos pela falta do espaço necessário para a manutenção da ordem, bem como alterações fisiológicas, são aspectos verificáveis em diversas espécies, com resultados semelhantes. Nomeadamente a partir da observação de grupos de ratos, em ambientes controlados e sujeitos a alterações induzidas especificamente com o propósito de tornar mais flagrantes as reacções, é possível levantar vários temas. Por um lado, a territorialidade é um factor chave: a existência de um espaço delimitado que o animal – o rato como o homem – possa controlar, um espaço *seu*, é indispensável para a sua saúde, para o seu equilíbrio interno e para que seja possível uma vivência pacífica do exterior em sociedade. Por outro, como demonstra o etologista John Calhoun⁴¹, o excesso de população – leia-se, o excesso de indivíduos num espaço dado, a inexistência de espaço suficiente para o número de indivíduos presente – provoca uma série de desvios comportamentais que, em última análise, poderia mesmo colocar em causa o desenvolvimento e manutenção da própria espécie.

Também a ideia de imobilidade, a que já aludimos brevemente, tem no espaço doméstico a sua possibilidade de existência. Desde a sua infância, o indivíduo é fruto de um processo de integração numa estrutura gregária que na actualidade se apresenta socialmente agressiva e exigente. Segundo Stanislaw Tomkiewicz e Annick Percheron⁴², os três mecanismos em que assenta a primeira socialização do indivíduo, enquanto criança, são a identificação com a geração precedente e os respectivos modelos sociais, a interiorização das regras e conhecimentos implícitos – o senso-comum – e a experimentação através da qual estabelece os seus próprios modelos de conduta e de práticas. O contexto em que se desenvolve esta operação de crescimento e de contactos com o exterior da esfera íntima do jovem – esfera esta relativamente autónoma face à sociedade como um todo – determina, pois, o tipo de acção que será adoptado ao longo da vida. Pensando sobre as gerações activas actualmente, sobre o corpo de trabalho e força mais expressivo no panorama actual, trata-se de gerações da era pós consumista, da era da informação massiva, gerações em directa convivência com o virtual, com as novas redes sociais e com uma necessidade de imediatez e contacto permanente como nunca as anteriores conheceram. Essas características

⁴¹ HALL. p. 35-54.

⁴² Citados em SEGALEN. p. 161.

tomam forma no tipo de acção, individual e colectiva, tido na vida quotidiana e ao qual não corresponde necessariamente um processo racional, de questionamento ou, sequer, de especial identificação com a acção em si. *Asimismo [o sujeito] empieza a percibir el espacio ficticio e imaginario como algo más comfortable que el espacio real*⁴³, entrando num registo de recorrente mobilidade, de movimento e acção contínua, que deixa um espaço muito escasso à possibilidade de paragem, de reflexão. Essa falta não é inócua: *dentro de esta densidade de vehículos, movimientos, contaminación, razas y manifestaciones, el hombre debería poder aislarse. Un aislamiento inteligente; un aislamiento creativo, no nihilista.*⁴⁴

Em *A Poética do Espaço*, também Bachelard partilha connosco a importância e o significado que lhe parece existir nos recantos de solidão e na ideia de canto como refúgio para a imobilidade, como espaço que permite que *um aposento imaginário se construa em torno do nosso corpo*.⁴⁵ No exterior, as nossas distâncias de segurança, enquanto indivíduos e enquanto colectivos que partilham residência também a nível urbano, não podem ser inteiramente controladas, estão sujeitas a grandes graus de variabilidade de acordo com as circunstâncias de responsabilidade partilhada; a casa deve, precisamente por isso, ser esse *canto*, dar espaço ao isolamento, à solidão, à distância e ao silêncio que sejam necessários para que os sentimentos mais latos de segurança, de confiança e de conforto possam ter verdadeiramente lugar.

⁴³ ITO, Toyo. *Escritos* p. 64.

⁴⁴ GUALLART, Vicente. “La vivienda es el solar de una vivienda” in *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. p. 129.

⁴⁵ BACHELARD. p. 146.

O MODERNO

*Si queremos cambiar nuestra forma de pensar y proyectar viviendas, hemos que reconocer que nos encontramos aún bajo el manto protector de cuanto los modernos concluyeron con relación a este tema.*⁴⁶

Na tentativa de resposta a necessidades de salubridade, conforto, privacidade, etc., o Movimento Moderno veio desenvolver os preceitos que acabariam por se tornar a referência mais paradigmática no âmbito projectual, com especial permanência no contexto da habitação.

Assim, a partir do momento em que surgem os primeiros espaços domésticos com funções específicas – após a estabilização das estruturas familiares –, a sua configuração foi sendo progressivamente debatida e aprimorada, até se estabelecer como base, como arquétipo de qualquer nova produção, presente ainda na contemporaneidade.

*Tradicionalmente, la concepción de la célula residencial se ha venido limitando a la definición de un tabicado ideal entre dos bandejas: distribuciones tipo – fundamentadas en la idea del Existenzminimum – entendidas como unidades elementales susceptibles de ser repetidas en planta ad infinitum.*⁴⁷

Este *existenzminimum* representa um entendimento partilhado de quais as condições mínimas necessárias à qualificação de um espaço como habitável. A partir dele definem-se, assim, as relações mensuráveis entre o corpo em funcionamento e o espaço requerido pela actividade em questão. Da totalidade da área de que se compõe a casa, são então seleccionados e compartimentados os espaços que mais eficazmente possam solucionar as actividades entendidas como constantes deste programa – dormir, comer/cozinhar, realizar a higiene pessoal, trabalhar, socializar; cada compartimento especializa-se, obtendo do projecto as características apropriadas em termos de materiais, luz, ventilação, relação com o exterior, relação com outras divisões.

⁴⁶ ÁBALOS, Iñaki; HERREROS, Juan. “Si queremos cambiar nuestra forma de pensar y proyectar viviendas” in *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. p. 165.

⁴⁷ GAUSA, Manuel. “Vivienda: más por menos” in *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. p. 143.



Fig. 12. Lourdes Castro. *Sombras Projectadas*. 1964.

*Not only time has been formalized in contemporary life; space, too – fundamentally inseparable from time – has been made stable. Influenced by an essentially modernistic point of view, we have – consciously or not – conceived causal relationships between the right kind of space and the good life as such. Even after postmodernism, we still find modern dogmas dominating our conception of space.*⁴⁸

Este cuidado – esta importância reconhecida às características funcionais e mínimas do habitar – é encarado como incontornável e transversal, é linha de água entre correcto e insuficiente. Fica por desenvolver e incutir, aos habitantes como aos próprios projectistas, uma atenção semelhante aos aspectos intangíveis desse mesmo habitar. As possibilidades de que a casa recupere o seu carácter pessoal, emocional e de memória – sem pôr em causa a sua eficiência utilitária – dependem dessa espécie de *educação*, se assim lhe quisermos chamar, da estimulação da tal identificação do habitante com o continente habitado, que lhe sirva não apenas de *casa-do-corpo* mas também de *casa-da-alma*⁴⁹. A primazia e, em certa medida, quase exclusividade desta atitude racional – e racionalizante – deixa pouco espaço ao sentido, à relação afectiva com os objectos e traços distintivos, considerados supérfluos, bem como à integração de aspectos fenomenológicos que desenvolvemos no primeiro capítulo.

Muito embora a importância do corpo como peça central do fazer e do saber arquitectónicos seja reconhecida e exaltada por nomes como Le Corbusier estamos, ainda assim, perante uma visão eminentemente abstracta desse corpo; é um corpo estudado, medido, racionalizado:

*The 'Modulor' is a measuring tool based on the human body and on mathematics. A man-with-arm-upraised provides, at the determining points of his occupation of space – foot, solar plexus, head, tips of fingers of the upraised arm – three intervals which give rise to a series of golden sections, called the Fibonacci series. On the other hand, mathematics offers the simplest and also the most powerful variation of a value: the single unit, the double unit and the three golden sections.*⁵⁰

⁴⁸ ELIASSON, Olafur. *Your engament has consequences* in olafureliasson.net

⁴⁹ Alusão a Manuel Mendes, aulas de Teoria II, FAUP, 2009/2010.

⁵⁰ CORBUSIER. *The Modulor*. p. 55.

Ainda que incluído no desenho do espaço, o corpo é tomado como peça da grande máquina de habitar, construída à sua *medida*, de forma talvez demasiado literal. A configuração do espaço doméstico adquire características que tornam a interação mais operativa, libertando-a de obstáculos.⁵¹ Considerar que esta arquitectura parte do sujeito é reduzi-lo a objecto ergonómico, desprovido de um interior que interessa igualmente traduzir em matéria, em configuração e em ambiente. *Liberdade e variabilidade*⁵² são inerentes ao ser humano e elementos desvalorizados que a arquitectura tem todo o interesse em recuperar, no sentido de não apenas aplicar ao habitante princípios e conceitos mais ou menos abstractos, mas de o tornar – ao habitante – consequente na materialização de um lugar. Por outras palavras: tornar o espaço doméstico um trabalho com dois sentidos.

Segundo Juan Herreros:

La configuración del espacio contemporáneo es un proceso que se concreta en los desafíos de la posguerra, cuando la aplicación del progreso técnico a la arquitectura determina tres mecanismos de inversión que trastocan los paradigmas en los que se sustentaba el espacio moderno.

Esses mecanismos traduzem esta inversão segundo três vertentes:

*La liberación de los elementos entre sí en un proceso de conversión de lo inmueble en mueble; el traspaso de las atribuciones ambientales que el desarrollo técnico había conferido al techo técnico hacia el suelo y, más recientemente, a los artefactos, máquinas o muebles que adquieren así estatuto de autonomía respecto a lo construido; y, por último, la posibilidad de construir lugares artificiales autónomos respecto a la definición de sus límites con el exterior, con la consiguiente pérdida de dependencia entre el interior y el medio natural.*⁵³

A relação estabelecida, já não apenas entre o sujeito e o espaço, mas também entre os próprios elementos que constituem este último, não é



Fig. 13. William Marx, interpretando 4'33, de John Cage. Peça de 1952.

⁵¹ *Customs turn into habits, some modest, some all-powerful; and no one, in the midst of the exhausting conflicts of life will realize that a simple decision can sweep away the obstacles, clearing the path for life.* Ibidem. p. 15.

⁵² Reyner Banham, citado em OCKMAN, Joan. *Architecture culture 1943-1968: a documentary anthology.* p. 374.

⁵³ HERREROS, Juan. “Espacio Doméstico y sistema de objetos” in *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas.* p. 153.

já tão linear e clara quanto a pretensão generalizadora e globalizante do Movimento Moderno parecia acreditar, tanto de forma assumida e panfletária⁵⁴ como mais subtilmente⁵⁵.

Se o Moderno apontava uma projecção utópica para o futuro cujo resultado acabou por não lhe corresponder e, à custa disso, o Pós-Moderno pôs em curso a revisão desses princípios, refugiando-se na ideia de continuidade com o passado, mais do que de ruptura, será legítimo questionar se não seremos, em essência, pós-modernos, na nossa modernidade?

⁵⁴ *God-like Modernist architect*, lê-se em TRACHTENBERG, Marvin; HYMAN, Isabelle. *Architecture – From Prehistory do Post-Modernism*. p. 487.

⁵⁵ *A Harmonious Measure to the Human Scale Universally applicable to Architecture and Mechanics* é o subtítulo do livro *The Modulor*, de Le Corbusier.

AGENTE E CONFIGURAÇÃO

A afinidade entre sujeito e espaço doméstico é, na sociedade contemporânea, mais variável e de duração comparativamente reduzida. Procura, por isso, um tipo de resposta que manifestamente aceite essa sua condição: tal como as relações conjugais e a situação profissional, a expectativa relativamente à casa – e às necessidades que esta pode ou deve suprir – é agora mais instável. Se isto é verdade – se se comprova que a correspondência habitante-habitado se tornou mais efêmera – é não menos pertinente considerar que, no panorama sócio-económico em que vivemos, as possibilidades de responder a estas mudanças com espaços inteiramente novos são bastante reduzidas; na maior parte dos casos, insuficientes para que a efectiva identificação do sujeito com o seu espaço possa ter lugar. Nesse sentido, parece fazer sentido que um mesmo espaço possa adoptar diversas configurações, cambiando a sua organização interna de forma a aproximar-se do seu agente, já que o *espaço de carácter fixo constitui o molde que afeiçoa uma boa parte do comportamento humano*⁵⁶

Embora frutos de um contexto diferente, alguns aspectos do período consumista na Europa do pós-guerra não deixam de se manter genericamente enraizados na sociedade. A produção em massa e a pré-fabricação, mas sobretudo a dispensabilidade com que se pensam os objectos de consumo, a moda – tanto a nível de vestuário como de mobiliário, etc. – propicia esta instabilidade e imprevisibilidade de novos desejos e aspirações, das quais o espaço doméstico não se exclui. Já em 1965 Warren Chalk previa alterações de direcção na produção de habitação: *everyone in the community has latent creative instincts and our role will eventually be to direct these into some tangible and acceptable form.*⁵⁷ Esta proposta de um novo paradigma – que faria da concepção do espaço um trabalho de duas vias em que projectista e habitante teriam um poder de decisão mais nivelado – não se verifica em toda a extensão prevista por Chalk mas está presente, ainda que a um nível mais moderado. Para que possa dar frutos, no entanto, este cenário pressupõe o aumento do grau de exigência na participação do sujeito enquanto feitor que, chamado a intervir, deve ser capaz de pensar

⁵⁶ HALL, p. 125.

⁵⁷ CHALK, Warren. *Architecture as consumer product*. The Archigram Archival Project.

a sua realidade e agir sobre o seu habitat; não se limitando a ser apenas receptor, o indivíduo toma parte da produção do espaço doméstico completando-o, configurando-o.

*Todos estos espacios [espacios servidos y espacios servidores] están llamados a convertirse, en ciertos casos, en posibles áreas mixtas de usos múltiples, más allá de las antiguas clasificaciones estrictamente funcionales “vivir, trabajar y descansar”, de las nociones clásicas de “salón, cocina, comedor, dormitorio y baño”; se trata de otras áreas, más complejas, asociadas a la relación, la intimidad, el ocio, la salud, la producción, el deporte, etc.*⁵⁸

Daqui se depreende também uma alteração de fundo na postura do arquitecto ao desenvolver um projecto: este deixa de ser inteiramente definido à partida, prevendo espaço para uma intervenção directa e a posteriori por parte do habitante a que se destina o espaço. Assim poderiam criar-se condições que permitissem ao sujeito dar consequência às suas características e necessidades, não o forçando a integrar-se na reprodução sistemática e tautológica⁵⁹ de um modelo no qual não está necessariamente enquadrado.



Fig. 14. Rebecca Horn. *Finger Gloves*. 1972.

*Es fundamental en el proceso de producción de casas – quizá lo más fundamental de todo – el principio de que las familias diseñan sus casas ellas mismas.*⁶⁰

Garantido pelo arquitecto o bom funcionamento deste espaço mais indeterminado, seria ainda necessário prever os mecanismos ou dispositivos que poderiam servir o indivíduo ou grupo de indivíduos nessa tarefa de se entender e se materializar; o espaço da casa seria, então, capaz de responder de forma mais assertiva às suas necessidades sempre em transformação, a cada momento. A isto corresponderia necessariamente uma reorganização do processo mental do sujeito, tanto a nível conceptual como técnico. No entanto, e mesmo admitindo que estas alterações pudessem trazer, de facto, vantagens a nível da qualidade do acto de habitar, há-que ter em consideração que o cidadão comum, o sujeito não especializado, não tem – nem tem por que ter – à partida, as ferramentas intelectuais que lhe permitiriam gerir esse espaço – físico e conceptual – que lhe seria dado. Esta experimentação

⁵⁸ GAUSA, Manuel. “Vivienda: más por menos” in *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*. p. 142.

⁵⁹ Como diz Huberman de um certo tipo de visão: *Esse objecto que vejo é aquilo que vejo, um ponto, nada mais*. HUBERMAN, Didi. *O que vemos, o que nos olha*. p. 39.

⁶⁰ Christopher Alexander, citado em GAUSA, Manuel. *Singular Housing*. p. 15.

de novas formas de encarar o espaço doméstico dependerá, portanto, da existência de uma vontade de correr esse risco, atitude que não pode ser imposta e que não é exigível. Para que uma verdadeira aproximação a esta situação potencialmente proveitosa possa ocorrer, é necessária uma formação (no mais amplo sentido da palavra) transversal, o fomento de uma postura mais consciente e mais crítica, que questione os sistemas já conhecidos e procure mais longe, que seja mais exigente na relação com o espaço. Diz Piaget que os *conceitos relativos ao espaço são acções interiorizadas*⁶¹, pelo que apenas através do contacto com novas acções é possível integrar novas ideias e novos conceitos: *mudando de espaço, deixando o espaço das sensibilidades usuais, entramos em comunicação com um espaço psicologicamente inovador.*⁶²

Sobre isto, Manuel Gausa defende a necessidade de articular o espaço doméstico com as experiências e os comportamentos, como resposta à heterogeneidade das realidades espaciais provocadas pelas alterações nos modos de vida – e relacionadas principalmente com a evolução das estruturas familiares que apontámos no capítulo anterior. Esta articulação poderia também tomar corpo numa estratégia de combinação de elementos fixos e espaços livres associados que permitissem a introdução da ideia de *habilitação*: um espaço com elementos funcionais de base bem definidos e estáveis, que remetem para o âmbito temporário, móvel ou polivalente os restantes elementos, habilitando o espaço para a multiplicidade e variabilidade de situações a albergar.⁶³ Na contemporaneidade, não há já certezas: o sujeito perde precisão e estabilidade⁶⁴ mas é capaz de construir *miradas y respuestas nuevas, definitivamente mestizas, insólitas y heterodoxas, pero eficaces, si cabe, precisamente por su total desinhibición y su independencia, ya no de criterios, sino de prejuicios externos, ideológicos, culturales e incluso, si se prefiere, morales.* Trata-se, pois, de construir critérios, mais do que modelos.⁶⁵

Perante esta redefinição de conceitos e de práticas, regressar-se-á aos espaços polivalentes, como no século XVII?⁶⁶

⁶¹ Citado em HALL, p. 82.

⁶² BACHELARD, p. 210.

⁶³ GAUSA, Manuel. “Vivienda: más por menos” in *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*, p. 141-145.

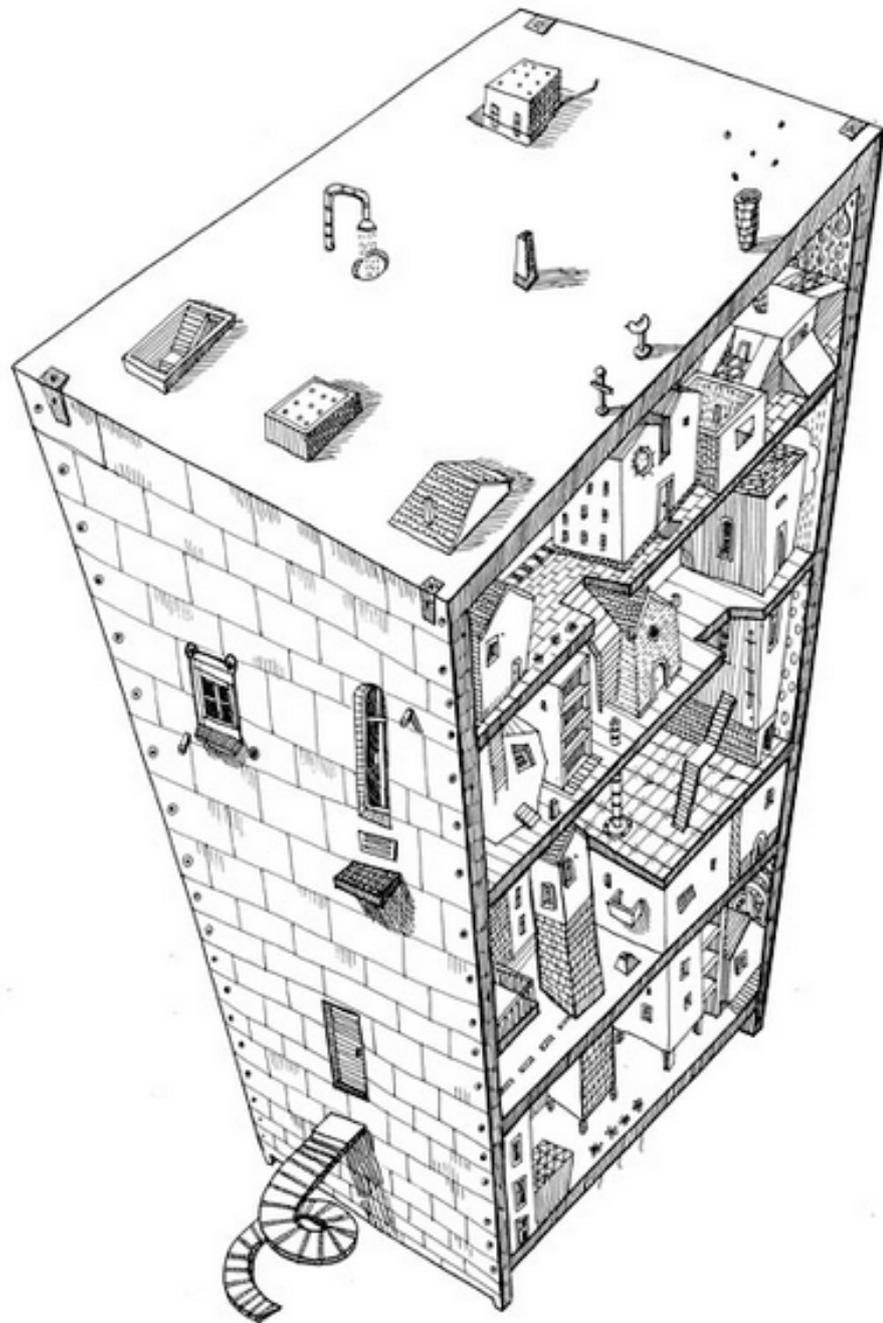
⁶⁴ ÁBALOS, Iñaki; HERREROS, Juan. “Si queremos cambiar nuestra forma de pensar y proyectar viviendas” in *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*, p. 167.

⁶⁵ GAUSA, Manuel. “Mirada híbrida, mirada múltiple, mirada polifocal.” in *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*, p. 34, 35.

⁶⁶ SEGALÉN, p. 301.

IV. O HABITAR CONTEMPORÂNEO

Fig. 15. Ana Aragão. *Eu sou muitos III*. 2012.



Ana Aragão 2012

*Rich as though architectural vocabulary is in terms of the perception of the physical properties of architecture – ‘depth’, ‘plasticity’, ‘transparency’, ‘articulation’, ‘texture’ and so on – attempts to define its social qualities immediately reveal the poverty of the language.*⁶⁷

Enquanto âmbito particular das práticas de arquitectura, a habitação plurifamiliar concilia simultaneamente o carácter íntimo da materialização de um habitat para um sujeito específico com a necessidade de transversalidade das exigências da produção para massas. É, pois, exemplo de um tipo de intervenção na qual sujeito e arquitecto não se encontram, à partida, directamente ligados, aumentando o desafio projectual.

A eficácia da resposta dependerá da capacidade de articulação dos variados – e variáveis – elementos a considerar, e influenciará o bem-estar e a personalidade dos que nela viverem. A arquitectura tem, assim, responsabilidade directa – ainda que discreta – na qualidade de vida desta grande parcela da população das zonas urbanas, e não apenas no sentido de a manter a funcionar: é importante manter a experiência quotidiana interessante, útil e estimulante. Acrescentar algo a este nível é oportunidade privilegiada do arquitecto.

⁶⁷ FORTY, Adrian. *Words and buildings – A vocabulary of Modern Architecture*. p. 103.

PRODUÇÃO CORRENTE

La arquitectura de la vivienda moderna parece seguir siendo, aún hoy, el único referente posible y, sin embargo, nuestra realidad ya no es sólo moderna. Eso es evidente. Los fenómenos de nuestra actualidad tienen poco que ver con la realidad de la arquitectura canónicamente moderna y, no obstante, la concepción y la producción de arquitecturas sigue confiando hoy casi exclusivamente en esas fórmulas.⁶⁸

De forma generalizada, os empreendimentos a este nível tomam o Movimento Moderno como principal modelo. Essa atitude pressupõe a aceitação de uma série de ideias e princípios que, assim, continuam a fazer parte do quotidiano projectual e a servir de bitola tanto para projectistas como para habitantes. Este entendimento, já não da vida e do mundo, mas das necessidades da relação com o espaço, assegura níveis de salubridade, ventilação, luz, etc. estabelecidos e regulamentados, que se mantêm pertinentes, constituindo uma base de trabalho sólida, estável e de eficácia e sentido comprovados. Também a especialização e compartimentação funcionais, precisamente por essa sua característica – a funcionalidade – se continuam a apresentar como ferramentas úteis, pragmáticas e utilitárias, fundamentando uma prática específica de produção de habitação, validada pelo mercado que com ela cresceu.

O papel do mercado, no âmbito da oferta corrente do que quer que seja, é bastante circular: o mercado que dá ao público o que ele procura é o mesmo mercado que “ensina” ao público o que querer. Isto significa que uma vez entrado para este ciclo auto-suficiente, qualquer elemento ou informação se torna paradigmático e marca o passo da prática que se lhe vai sucedendo. Sistematizam-se não apenas princípios mas também soluções formais, que se funcionaram nuns casos irão também, à partida, funcionar noutros. Nesse sentido, porque se entendem os problemas a resolver como equiparáveis, o repertório de possibilidades no desenho de um espaço doméstico acaba por se tornar curto face às constantes alterações da sociedade como um todo e do próprio indivíduo ao longo da sua vida. Estabelecida esta resposta a priori, são então debatidas outras

⁶⁸ SALAZAR, Jaime. “La casa como interfaz” in *Singular Housing*. p. 13-14.

questões, ligadas à composição, à relação do edifício com a cidade, ao desenho das fachadas. Este tipo de abordagem é legítimo – parece-nos – se for consciente: ao desenvolver determinados aspectos de um projecto em detrimento de outros, o arquitecto deve ter consciência de que está a traduzir uma opção; caso não se trate de uma efectiva escolha, caso esta atitude e este tipo de trabalho sejam tão-somente a reprodução passiva de normas apreendidas, a qualidade – no mínimo, intelectual – dos seus resultados estará inevitavelmente comprometida.

Do ponto de vista geral, as diferentes questões a que nos referimos são relativamente equivalentes; no entanto, no caso específico da habitação, por todos os motivos que têm vindo a ser desenvolvidos, as questões internas, as questões de configuração do espaço interior não deveriam, parece-nos, caber por definição num modelo de resolução pré-determinado. Por ser, de todas estas questões, aquela que mais impacto terá na vida do sujeito, é pertinente chamar para ela a atenção do pensamento crítico, especializado ou não. Mantendo presentes as respostas que este modelo fornece, o trabalho em torno da habitação será tão mais produtivo quanto mais consiga ser sensível a outras necessidades e propor novas soluções, soluções que de facto procurem, explorem, acrescentem algo ao tal repertório de situações. Encontramo-nos num momento de *generalizado colapso de todo afán de estereotipo residencial: la heterogeneidad enfrentada a esa familia clónica que parece seguir alentando la mayoría de las actuaciones y normativas actuales basadas, generalmente, en el esquema “salón – comedor – cocina – lavadero – baño – aseo y tres o cuatro habitaciones, todo en noventa metros cuadrados” como fórmula comúnmente aceptada.*⁶⁹

Essa atitude, tendencialmente determinista na forma de ver o mundo e de agir sobre ele, assenta em dicotomias estáveis e unívocas que foram – e não deixaram ainda de o ser – paradigmas da nossa bagagem ideológica e disciplinar⁷⁰: exterior-interior, natural-artificial, público-privado, formal-informal, quotidiano-extraordinário, doméstico-universal, particular-geral, aberto-fechado, etc.. Esta visão disciplinada manifesta-se na resolução de diversos projectos, cujos factores que os diferenciam são de ordem sobretudo morfológica, centrando-se mais na autonomia do desenho como motor do que nas estratégias internas

⁶⁹ GAUSA, Manuel. “Paisage interior: ‘unidades habitadas’ y célula residencial” in *Housing*. p. 21.

⁷⁰ GAUSA, Manuel. *OPOP - Optimismo Operativo en Arquitectura*. p. 19.

de formulação do espaço doméstico. Dessa forma, uma vasta gama de projectos muito distintos entre si recorre, sistematicamente, a um único referente – o modelo de divisão funcional moderno –, não fazendo corresponder ao trabalho do espaço interior o mesmo investimento diferenciador que tem, por exemplo, o trabalho de carácter mais urbano nas fachadas. Eficaz, a solução encontrada para esse campo não foi mais questionada, deixando-se desfasar das subtis alterações que foram ocorrendo no panorama familiar e relacional eu-casa-mundo ou, se preferirmos, família-espaço doméstico-sociedade.

Si el debate arquitectónico de los últimos 30 años ha tendido a enfatizar la autonomía de la disciplina (reforzando los aspectos más endógenos de la forma), también ha acabado propiciando el propio aislamiento del objeto arquitectónico – parado y varado, disciplinado por disciplinar – respecto a aquellos posibles estímulos – y/o solicitudes – surgidos del propio entorno físico o natural.⁷¹

Ficaram, pois, por explorar os novos – e eventualmente ainda desconhecidos, mas nem por isso desprezáveis⁷² – parâmetros da condição contemporânea.

A produção corrente – leia-se, a maior fatia da oferta imobiliária a nível residencial – fica, pois, condicionada: por um lado, pela manutenção dos sistemas e modelos de projecto e, por outro, pela natural e inevitável resistência da população a propostas mais experimentais, que saiam desse âmbito do já conhecido, já experimentado.

We should therefore seek to understand our present environments, so radically different from those in the past, as the result of a collective search for new thematic knowledge. We may begin by reexamining what, in an age of invention and revolution, has eventually become conventionally accepted, and is now taken for granted in practice.⁷³

No que diz respeito ao desenho do espaço doméstico, pouco se oferece e pouco se exige; ainda assim, não deixa de ser verdade que,

⁷¹ Ibidem. p. 24.

⁷² *Manifestaciones apenas intuidas todavía, surgidas como respuestas directas frente a los nuevos parámetros que rigen hoy el espacio contemporáneo, frente a esa constante sensación de mutabilidad que impediría ya cualquier idea de sedimentación.* GAUSA, Manuel. *Housing*. p. 107.

⁷³ HABRAKEN. p. 327.

em alguns casos, mais é dado pelo cuidado do desenho do projecto do que aquilo que é efectivamente recebido e integrado pelo habitante. I.e., mesmo num momento como o actual, em que eventualmente alguns factores podem não ser suficientemente valorizados, existem nestes edificios, fruto de abordagens mais “canónicas”, qualidades espaciais e relacionais que o sujeito eventualmente não será capaz de integrar, pela mesma falta de ferramentas conceptuais de que falámos no capítulo *Agente e configuração*. O que tem vindo a ser aqui apontado não pretende atribuir a esse tipo de abordagem um carácter negativo: a qualidade de um projecto não se esgota nos sistemas que toma por referente. Procura-se apenas reflectir acerca da pertinência de novas abordagens para as mesmas e outras questões.

*Un cuarto comienza por ser un borrón. Un cuarto nace emborronado. Emborronando también su alrededor. Nace dudando de si es o no es un cuarto. De si merece la pena llamarse así. Esta vacilación del cuarto en su definir-se es una señal favorable. Es la señal de que te acercas al cuarto a través de una secuencia de cuartos fallidos. Lo que llamarás cuarto no será un logro nunca, sino el cuarto con un error menos.*⁷⁴

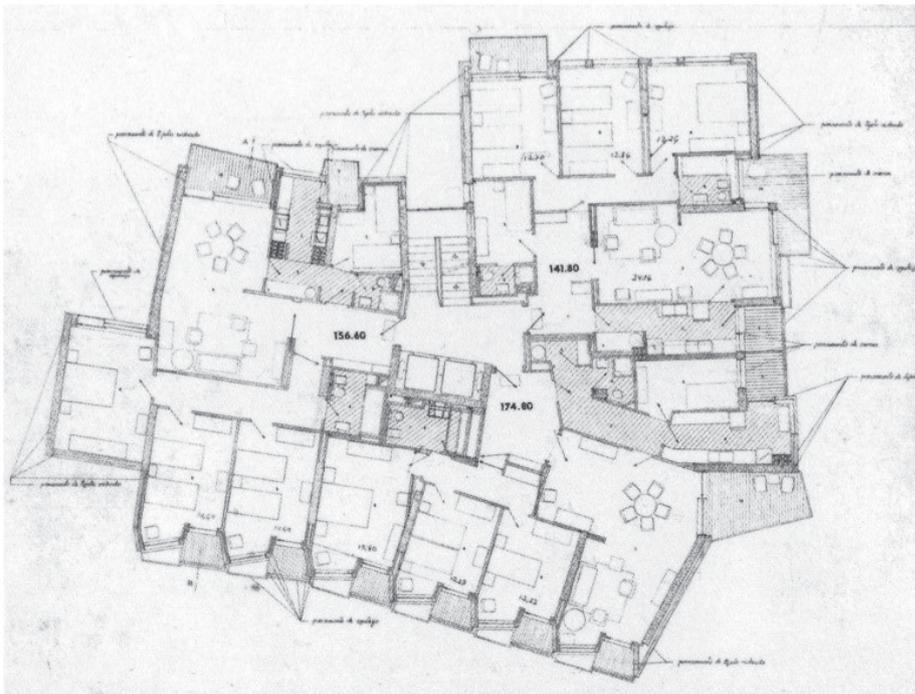
70

Seguidamente serão apresentados vários exemplos concretos, a partir dos quais é possível clarificar as questões da organização interna face à morfologia geral do edificio. É ainda possível perceber o seu carácter de compartimentação funcional como denominador comum, aferindo os diferentes graus de possibilidade de reorganização do espaço doméstico.

⁷⁴ SANTA-MARÍA, Luis Martínez. “Cuarto Oculto XXII” in *El Libro de los Cuartos*. p. 93.



Figs. 16, 17. Agostinho Rieca. Edifício de habitação Montepio Geral. 1960-61. Rua de Júlio Dinis, 648. Porto.



- Quarto
- Sala
- Instalações sanitárias
- Cozinha
- Circulação

Fig. 18. Distribuição funcional - planta.

Figs. 19, 20. Álvaro Siza Vieira e António Madureira. Edifício de habitação da Boavista. 1990-98. Rua Pedro Homem de Melo. Porto.

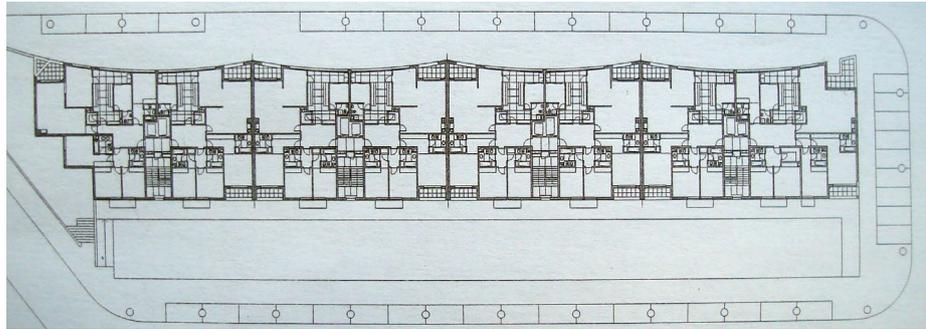
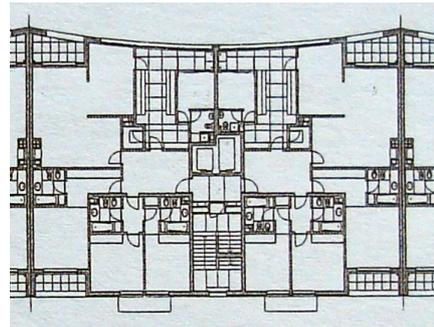


Fig. 21. Distribuição funcional - planta.

- Quarto
- Sala
- Instalações sanitárias
- Cozinha
- Circulação





Figs. 22, 23. Eduardo Souto de Moura. Edifício de habitação colectiva da Maia. 1997-2000. Rua Clotilde Ferreira da Cruz/EN 14. Maia.

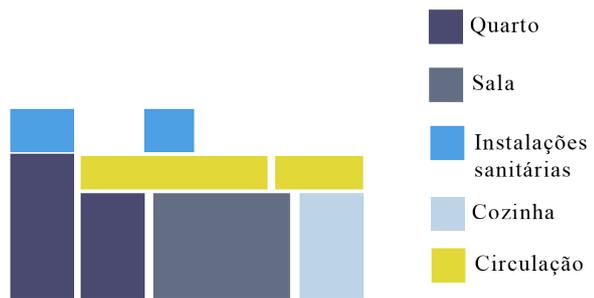
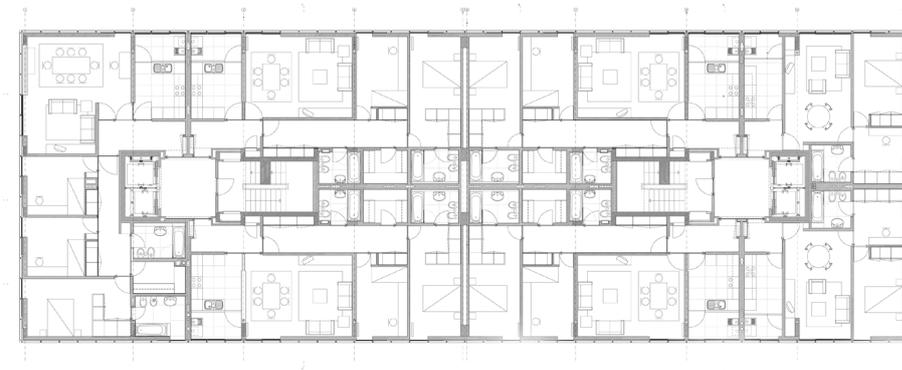


Fig. 24. Distribuição funcional - planta.

Figs. 25, 26. Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Bloco de habitação colectiva. 1949. Rua da Constituição, 27/63. Porto.

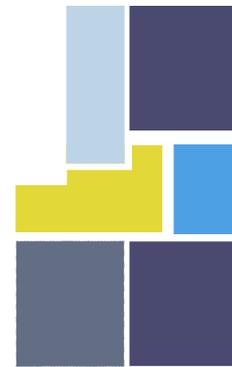
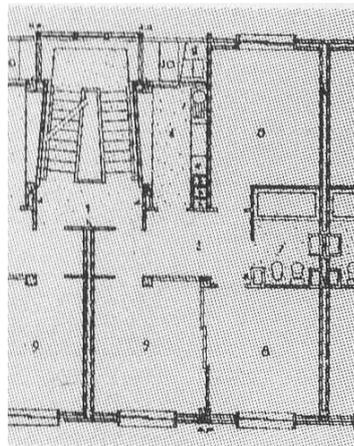
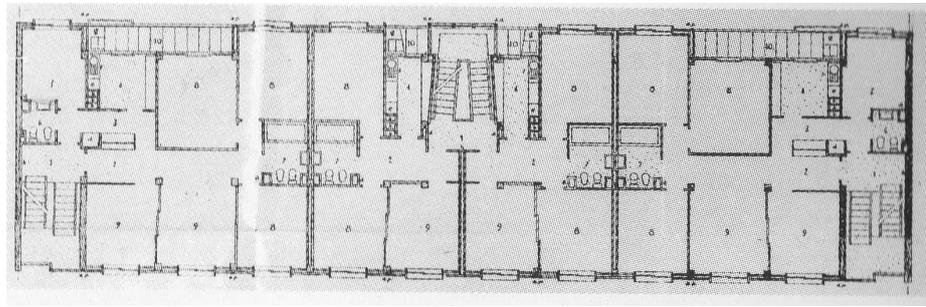
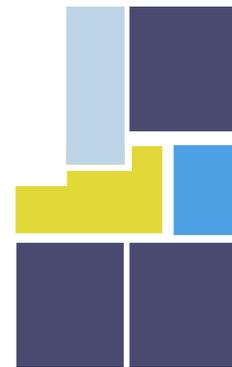
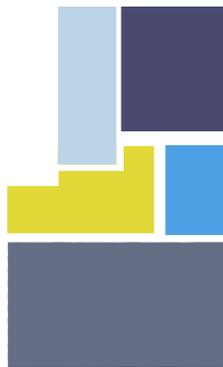


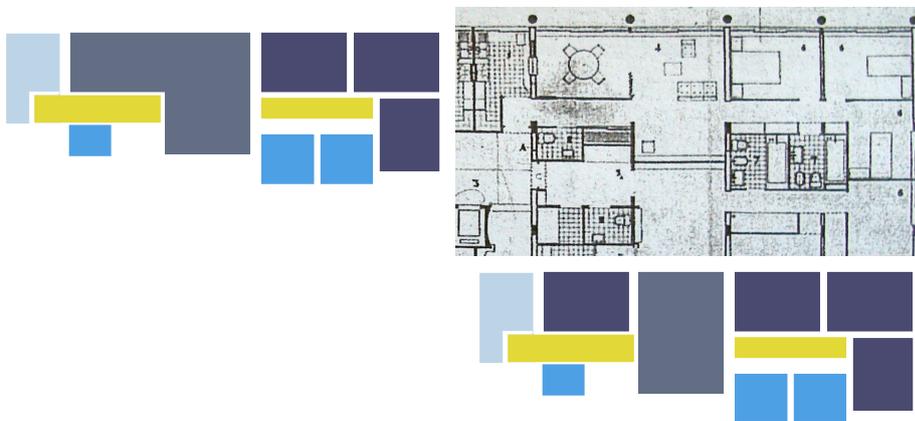
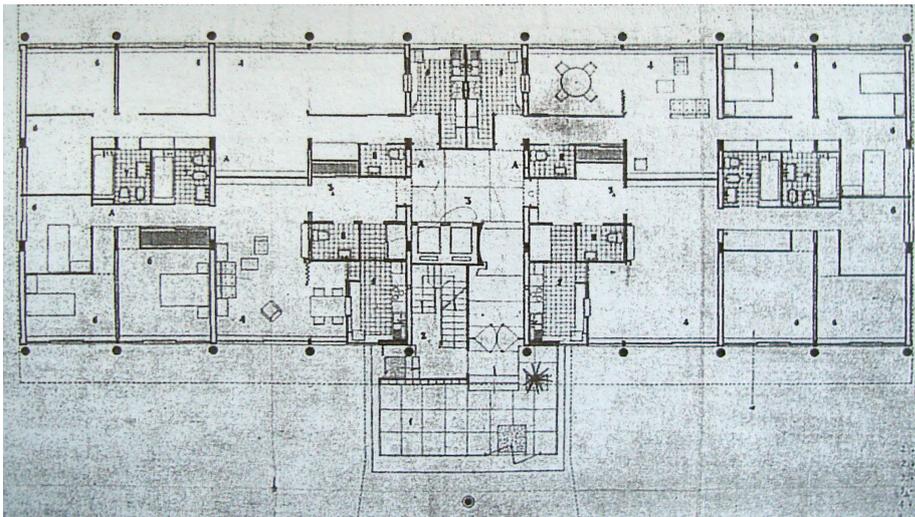
Fig. 27. Distribuição funcional - planta.

- Quarto
- Sala
- Instalações sanitárias
- Cozinha
- Circulação





Figs. 28, 29. Viana de Lima. Edifício de habitação. 1953. Rua de Costa Cabral, 750. Porto.



- Quarto
- Sala
- Instalações sanitárias
- Cozinha
- Circulação

Fig. 30. Distribuição funcional - planta.

Figs. 31, 32. José Carlos Loureiro. Edifício Parnaso. 1954-56. Rua Nossa Senhora de Fátima, 231. Porto.

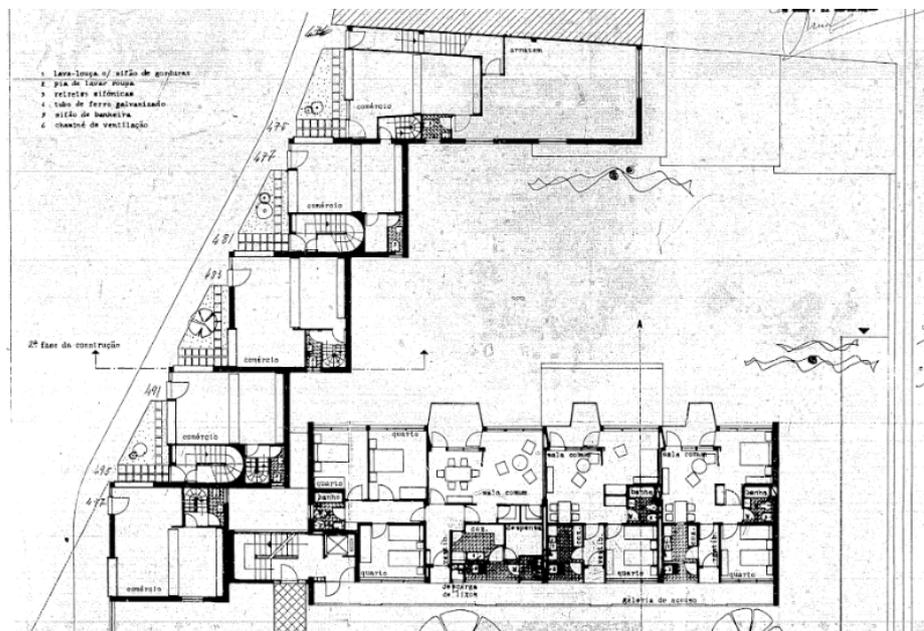
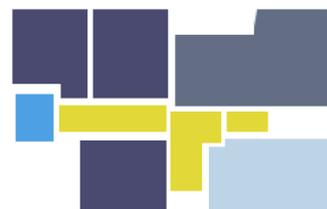
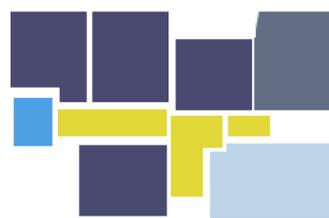
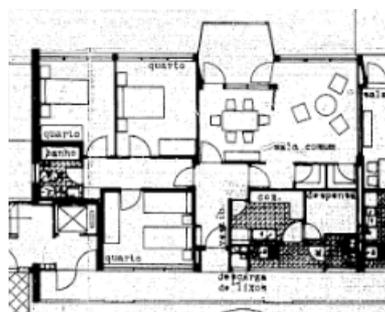


Fig. 33. Distribuição funcional - planta.

- Quarto
- Sala
- Instalações sanitárias
- Cozinha
- Circulação



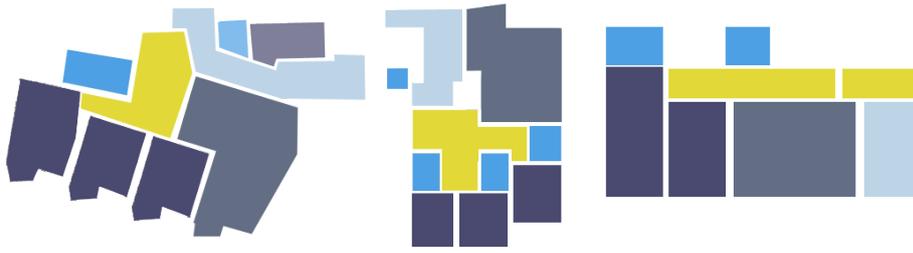


Fig. 34. Conjunto dos esquemas 18, 21 e 24.

Ao longo dos anos, e apesar das suas distintas morfologias, é possível observar em grande parte da produção de habitação plurifamiliar a mesma estratégia de configuração do espaço interno dos fogos. O espaço doméstico assenta, pois, na compartimentação e especialização funcional de espaços pré-determinados.

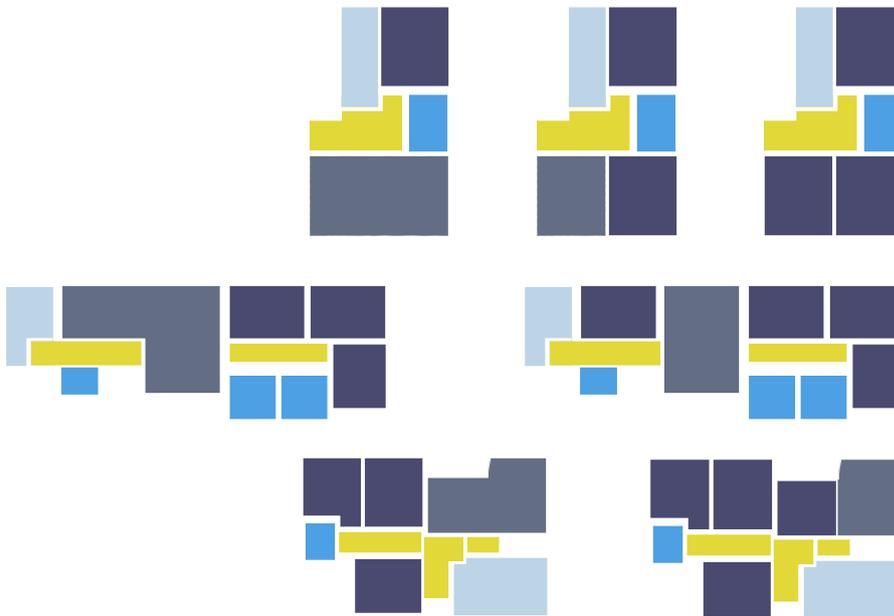


Fig. 35. Conjunto dos esquemas 27, 30 e 33.

Adoptando soluções de desenho mais flexíveis, é possível dotar o espaço de características de variabilidade que permitem ao habitante, por si próprio, estabelecer pequenas alterações que dêem respostas diferenciadas às necessidades a cada momento. Nos casos seleccionados, é através da própria formalização do espaço da sala ou da presença de elementos como painéis deslizantes que se estabelecem várias possibilidades para os mesmos espaços. Mantendo os mesmos princípios gerais de organização é, nestes casos, possível a cada utilizador decidir entre um quarto extra, uma zona de trabalho ou uma sala de maiores dimensões

PRODUÇÃO ALTERNATIVA

La tipología ya no existe. La repetición sistemática de espacios compartimentados racionalmente destinados a vivienda fue producto de una era que comenzó con la fabricación de automóviles en serie. Todas las viviendas deberían ser iguales para que miles de personas pudieran tener acceso a un nivel de calidad de vida mínimo. La informática permite una flexibilidad casi infinita en el proceso de producción y de transmisión de la información y en el uso que de ésta se hace. El problema ya no son las masas, sino el individuo. A la cultura de lo igual sucede la cultura de lo diferente. Cada persona es un mundo, cada vivienda es un mundo.⁷⁵

De forma manifestamente provocatória, Guallart pretende chamar a atenção para esta tendência limitadora da oferta a nível da habitação – principalmente, plurifamiliar – e que procuramos explorar criticamente. Esta postura de maior questionamento daquilo de que se compõe o acto de habitar e da forma como a sociedade ocidental contemporânea infere nesse acto têm vindo a ser fontes de interesse para alguns arquitectos que, a partir daí – do entendimento de que a produção corrente não oferece uma resposta suficientemente satisfatória e da vontade de arriscar e propor novos modos de fazer – têm vindo a surgir variadas propostas de materialização de novas ideias. As predefinições tipológicas parecem não ser já suficientes para satisfazer a vontade contemporânea, que se fragmenta e multiplica, rompendo os cânones do espaço e do homem modernos.

A ideia de simultaneidade é, nesse contexto, um elemento importante, ao assumir o desenrolar da vida quotidiana de forma não linear, a possibilidade de que várias actividades coexistam num único espaço e que cada uma delas possa ter particularidades imprevisíveis aquando do desenho do projecto. Enquanto produto acabado, este último resulta, pois, menos importante, dado que se valorizam tendencialmente as estratégias

⁷⁵ GUALLART, Vicente. “La vivienda es el solar de una vivienda” in *Otra Mirada. Posiciones contra crónicas*, p. 129.

(formuladoras) em detrimento do desenho ou do design (formal).⁷⁶ A atenção, na concepção de habitação, centra-se no estabelecimento de relações possíveis, na criação de mecanismos que dotem o espaço de maior flexibilidade, na inclusão no espaço doméstico de novas ideias de família, coabitação, trabalho, lazer, relações sociais, vizinhança, etc.. Essa abordagem faz com que o lado mais formal ou compositivo do projecto seja também desafiado, incitando um reequacionamento das expectativas face à oferta disponível. Ao libertar-se de modelos, ao não funcionar a priori, o processo de desenvolvimento do projecto pode devolver ao espaço interno a mesma qualidade de atenção que levou a planta moderna a tornar-se um modelo: ainda que sem pretensões de durabilidade – pelo contrário, integrando o efémero como matéria de trabalho – ou de generalização formal – porque, como Guallart, vê cada circunstância como única –, esta posição arquitectónica não deixa de, tal como no início do século XX, procurar uma alteração de paradigma. A principal diferença residirá, eventualmente, na trajectória desse movimento: se o arquitecto moderno era dotado de uma visão totalizadora do mundo e de ideais claros para a nova sociedade que se preparava para montar, o arquitecto contemporâneo procede inversamente, partindo da própria sociedade para o estabelecimento dos princípios arquitectónicos e temas sociais que lhes correspondam. Trata-se de uma *nueva concepción de la idea de progreso, no ya como imposición de un nuevo orden universal sino como reactivación de la propia realidad*, ainda que esta possa ser muitas vezes encarada como caótica, porque incoerente, inacabada e incerta.⁷⁷

Deixam de existir princípios claros a seguir, uma política transversal a traduzir, procurando-se, assim, uma visão diferente, uma mirada polifocal⁷⁸, que concilie as *dimensões* variáveis e instáveis da vida do sujeito actual em espaço doméstico. Os resultados, experimentais e por vezes mesmo arriscados conhecem, portanto, as mais diversas materializações, de acordo com as estratégias adoptadas e os aspectos mais valorizados em cada caso.

As the sophistication of industrially produced residential subsystems increases, components become simpler, perform better, and are

⁷⁶ GAUSA, Manuel. *OPOP - Optimismo Operativo en Arquitectura*. p. 29.

⁷⁷ Ibidem. p. 12-19.

⁷⁸ GAUSA, Manuel. “Mirada híbrida, mirada múltiple, mirada polifocal” in *Otra Mirada - Posiciones contra crónicas*. p. 34.

*combined in smarter ways. Open Building now seeks to improve subsystem autonomy and coordination. The contemporary house is understood to result from complex dynamics, as individual acts of technical design and manufacturing constantly shift, innovate, and recombine.*⁷⁹

Estúdios como a ACTAR investigam, por exemplo, sistemas de divisão evolutivos, que podem ir sendo manuseados pelo utilizador, alterando a configuração do espaço ao longo do tempo e de acordo com as necessidades a cada momento. Neste caso, a flexibilidade assenta tanto em elementos totalmente industrializados – como painéis deslizantes, dobráveis ou desmontáveis – como em peças de maior detalhe e complexidade, numa ideia de parede habitável que, para além da sua função divisória, pode acumular funções específicas. É o caso do que denominaram como *Sistema ABC – Armário/Acumulador – Baño – Cocina*.⁸⁰ Partindo da mesma base, estes muros equipados concentram os serviços ou funções fixos, libertando o restante espaço para configurações que podem ir das soluções mais convencionais, com vários quartos, até às mais abertas, tipo loft. Entre estes dois pólos e combinando estes elementos-ferramentas de definição espacial, a correspondência habitante-espaço habitado⁸¹ sairia potencialmente favorecida ao dar a última palavra ao sujeito. Outros métodos e variações existem com o mesmo objectivo de libertação do espaço interno, que parece ser uma vontade recorrente na busca dos novos tipos de residência.

Mas *mais do que descrever (factos ou impressões)*, também estes movimentos alternativos procuram *compreender o “germe da felicidade central”*, tentando novas condições para um acto que procura, na sua essência, valores transversais de conforto (no sentido lato da palavra, que decorre da segurança, da confiança, física e mental), identidade e liberdade: *é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem.*⁸²

Trata-se, então, já não apenas da habitação enquanto mero programa disciplinar, mas antes enquanto lugar privilegiado de acção

⁷⁹ HABRAKEN, p. 271.

⁸⁰ GAUSA, Manuel. *Housing*. p. 26.

⁸¹ Ver página 39.

⁸² BACHELARD. 207-209.

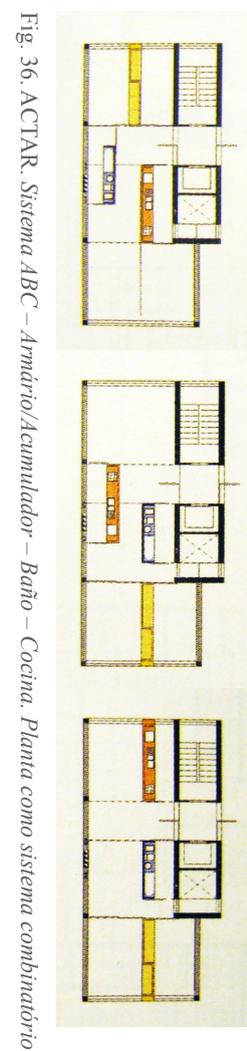
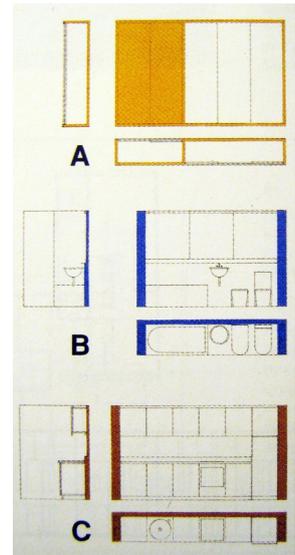


Fig. 36. ACTAR. Sistema ABC – Armário/Acumulador – Baño – Cocina. Planta como sistema combinatorio.

na, para e com a sociedade e o habitante em simultâneo; trata-se de, através da posição muito particular do arquitecto, criar ferramentas e mecanismos (intelectuais, ainda que através de elementos e factores físicos) que possibilitem ao sujeito ir mais longe, mais além daquilo que são as exigências básicas que se habituou a ver como suficientes. A materialização da *casa*, enquanto palco de crescimento interior, deve reflectir isso.

La funcionalidad de la era electrónica, a diferencia de la funcionalidad moderna, tiene que ver con la acción. La forma sigue a la acción, ya no a la función. Forma y función ya no tienen relación alguna, lo tienen en cambio, y cada vez más, la forma y la información. Por lo tanto, la disolución programática del espacio – su indefinición, su definición según programas híbridos o “sampleados” (casa-oficina, casa-garaje, casa-ciudad) – es un fenómeno inherente a una comprensión del proyecto de arquitectura residencial en la era electrónica.⁸³

O projecto de Anne Lacaton e Jean Philippe Vassal para 14 casas em Mulhouse, França, toma forma num edifício não convencional tanto em termos de espaço interno como de morfologia e soluções construtivas. No entanto, a procura de materiais e soluções mais económicos não se traduz numa redução do orçamento; em vez disso, é feito um investimento no próprio espaço das casas, assim tornado maior, mais amplo. Trata-se de um tipo de intervenção que, ao assumir um aspecto inusitado, industrial e pouco convidativo, permite concentrar os esforços – tanto financeiros como projectuais – no que realmente terá mais impacto no dia-a-dia dos habitantes, no espaço interno, que assim beneficia não apenas de áreas mais generosas como de espacialidades diferenciadas que são, em si mesmas, verdadeiros luxos. Nomeadamente a utilização de estruturas de estufas de horticultura: trata-se de uma resolução que permite a criação de jardins de inverno multifuncionais, que podem tanto servir de extensão dos espaços mais verdadeiramente “interiores” como de pátios cobertos em ligação ao exterior. A casa, enquanto espaço pessoalizado ganha, assim, versatilidade, para além de níveis de conforto elevados, que vêm não da utilização de materiais nobres – cujos benefícios a esse nível se esgotam num plano bastante imediato e superficial – mas antes de uma utilização inteligente e eficaz da luz, da ventilação, dos pés-direitos. Apesar do seu aspecto frio e exteriormente indiferenciado, o interior revela, mesmo numa primeira visita, qualidades surpreendentes. Apesar de se tratar, neste caso, de habitação social, de custos especialmente reduzidos, o espaço doméstico, muito rico em termos perceptivos, em nada o revela; os recursos são utilizados de forma sensata e perspicaz, dotando os materiais (betão, aço e policarbonato, usados directamente, sem tratamentos especiais) das características de amistosidade necessárias ao sentimento de pertença da casa. Este seu interior organiza-se com recurso a núcleos funcionais fixos, em torno dos quais fluem usos variáveis, recorrendo a escassa compartimentação, fazendo coincidir com a amplitude espacial uma grande liberdade de configurações, apoiadas nas áreas semi-exterior dos jardins de inverno.

Fig. 37. Planta piso térreo.

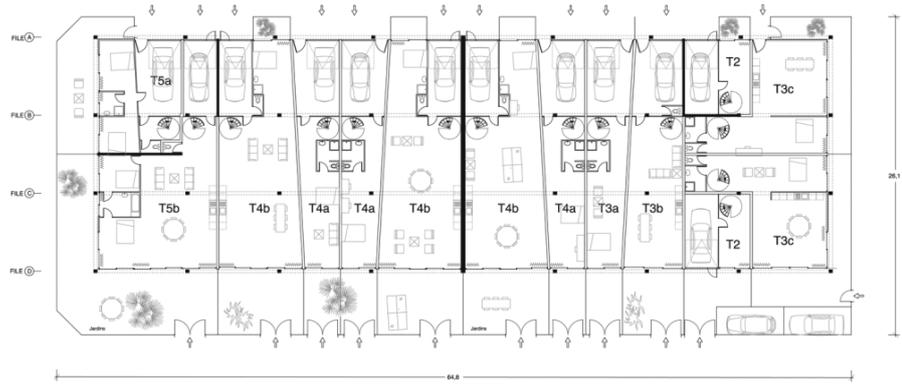


Fig. 38. Planta primeiro piso.

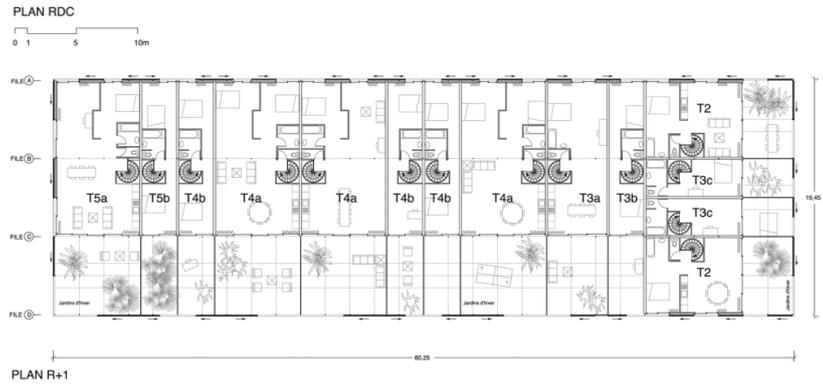


Fig. 39. Seção transversal.

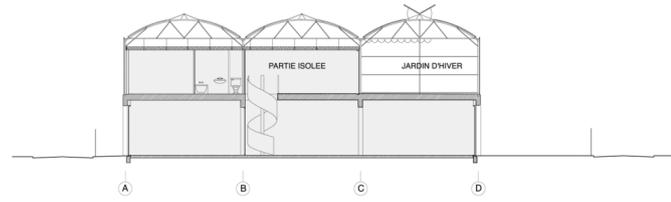
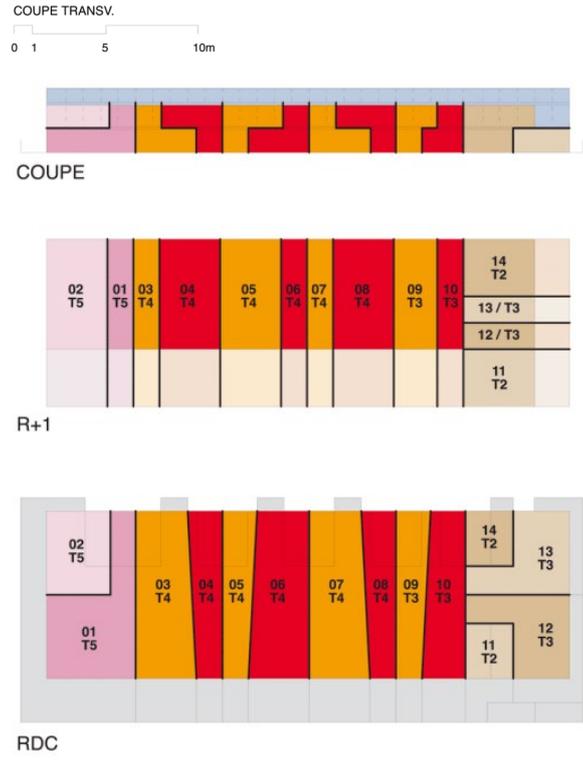


Fig. 40. Esquema geral de implantação e seção longitudinal.





Figs. 41, 42, 43. Vistas exteriores.



Fig. 44. Vista interior.

O conjunto de 34 apartamentos em Cambrils, Espanha, desenvolvido por Vicente Guallart e María Diaz, procura questionar a relação de limite interior-exterior, propondo uma extensão directa dos usos internos para as varandas que percorrem todo o perímetro do edifício.

Tirando partido das condições climatéricas favoráveis e da vista privilegiada, o espaço interior, relativamente ortodoxo, é subtilmente subvertido de forma a permitir contactos inesperados com o exterior, por exemplo através das instalações sanitárias, entendidas não como núcleo cerrado no interior do bloco, mas antes como elemento destacado na fachada, através do qual, em alguns casos, se processa a ligação do quarto com a varanda. Desta forma, exploram-se noções de privacidade e intimidade quotidianas, para além de variações programáticas que provocam um intercâmbio de actividades geralmente interiores ou exteriores; através da grande abertura permitida pelo sistema de caixilharias utilizado, os espaços interiores passam também a funcionar como pátios cobertos, protegidos pelo filtro das guardas de vidro colorido. A generalidade dos compartimentos passa, então, a ter o seu espaço exterior associado, onde se fazem coexistir todas as funções internas. Ainda os espaços de circulação tradicionais são postos em causa, através desta promoção da varanda como espaço efectivamente útil da casa, que liga as várias dependências num todo que, ainda que compartimentado resulta, assim, mais fluido.

Da vida doméstica cria-se o trabalho de composição da fachada: a casa torna-se verdadeira exteriorização do grupo residente.

Fig. 45. Planta e esquema interior/exterior.
Primeiro piso.



Fig. 46. Planta e esquema interior/exterior.
Segundo piso.



Fig. 47. Planta e esquema interior/exterior.
Terceiro piso.



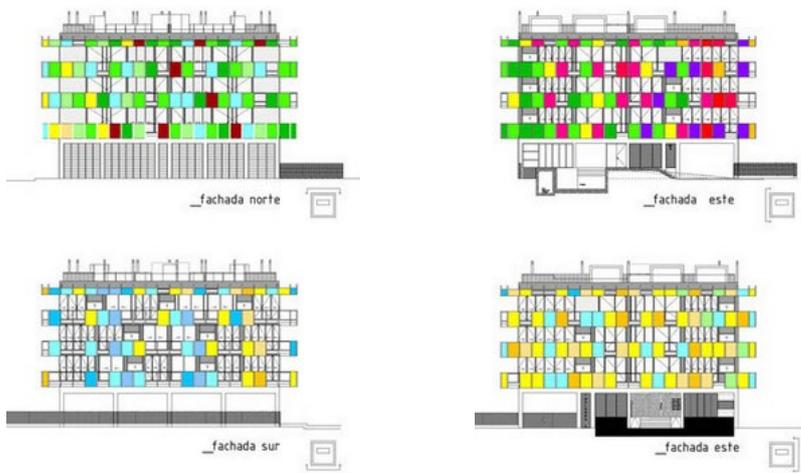
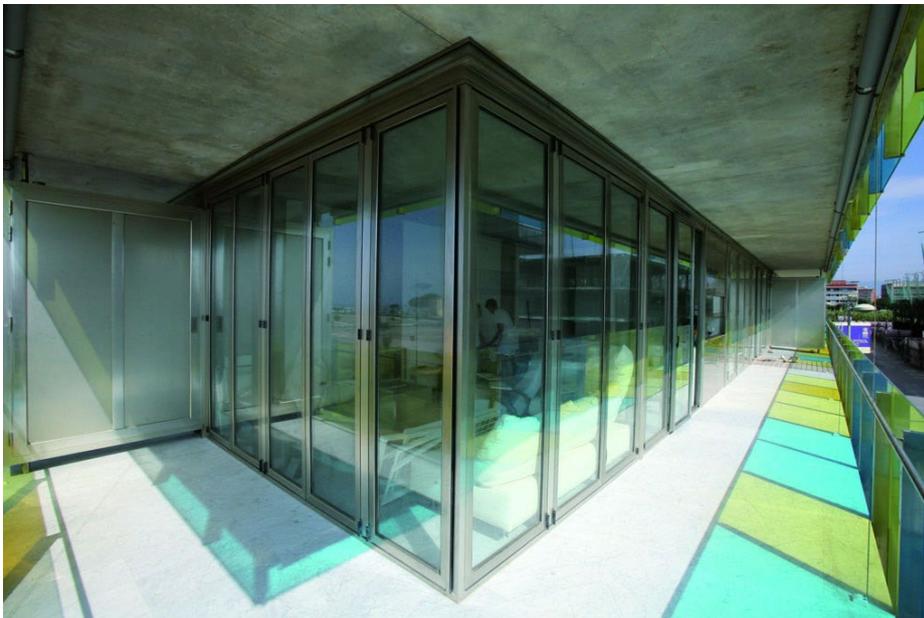


Fig. 48. Alçados.



Figs. 49, 50. Vistas do sistema de caixilharias.



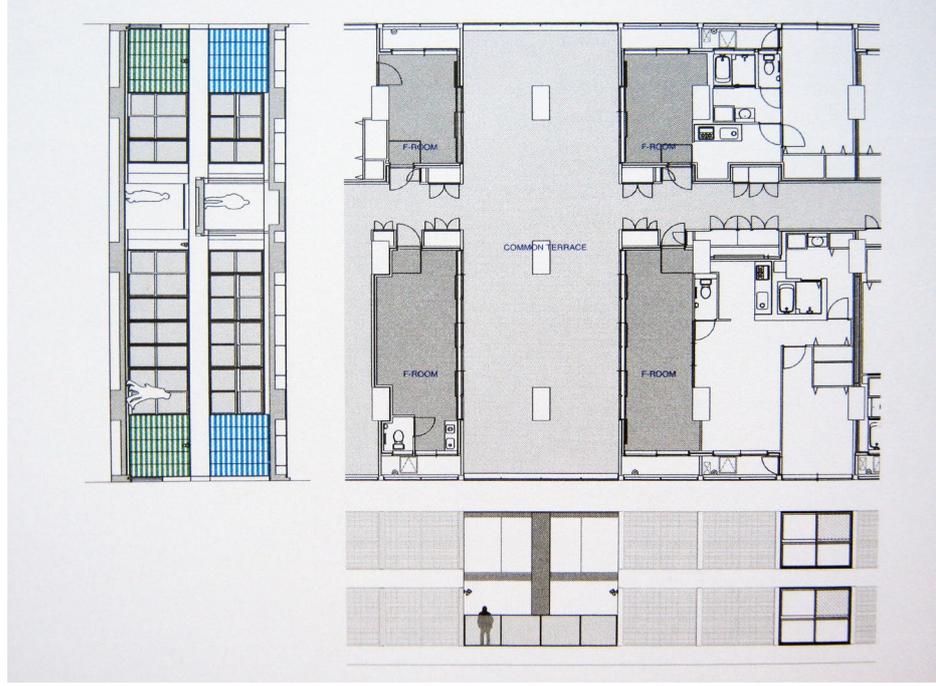
No projecto para o bloco 1 do Shinonome Canal Court, em Tóquio, Japão, o estúdio Riken Yamamoto & Associates utiliza a grande encomenda de um complexo de 420 habitações para explorar novas relações de residência, não apenas no âmbito interno do fogo mas também em novos contextos de vizinhança. Através da criação de áreas multifuncionais comuns, abertas e com pé-direito duplo e da utilização daquilo que designaram como “f-rooms”, é promovida uma espécie de actividade intermédia entre os usos privados da casa e os usos colectivos das áreas de circulação e distribuição do edifício. Este “f-room” – de foyer – mais não é do que a divisão adjacente às áreas colectivas exteriores que, assim, toma um carácter diferente das restantes, abrindo o interior da casa à comunidade; os limites interior-exterior, público-privado, ganham espessura e permitem funções variáveis que se podem traduzir em actividades partilhadas entre vizinhos, sem negar a possibilidade de total encerramento – assumindo um carácter mais comum de partição interna – bem como todos os níveis intermédios que utilizam os painéis deslizantes coloridos como filtro.

Através de uma oferta muito variada – e variável – de unidades de habitação, torna-se possível albergar não apenas o modelo de família mais tradicional, como também idosos, famílias unipessoais ou conjuntos de indivíduos que partilham residência.

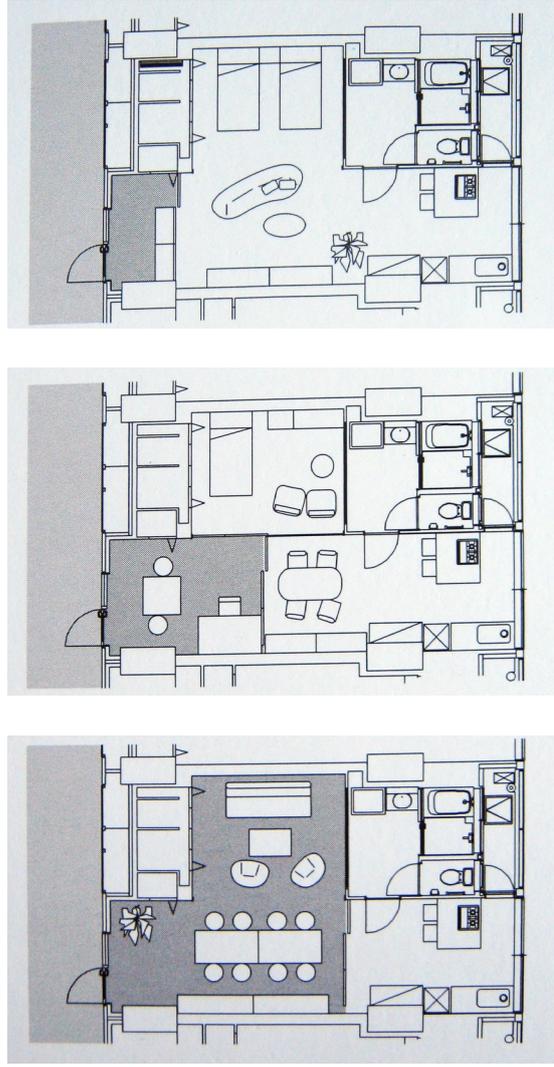
When “residence=family” defines the only conceivable residential unit, there aren’t many opportunities or reasons to open up dwellings to the outside. In the case of the Shinonome project, opening up to the exterior was necessary in order to allow for diverse lifestyles and uses.⁸⁴

⁸⁴ ACTAR. *Total Housing*. p. 323.

Fig. 51. Átrio comum e *f-rooms*. Planta e secções.



Figs. 52, 53, 54. Fogo-tipo, com diferentes configurações internas.





Figs. 55, 56, 57, 58. Vistas exteriores e vistas interiores dos *f-rooms*.



V. INSTALAÇÃO EFÉMERA

Fig. 59. Olafur Eliasson. *Light lab (1/12)*. Frankfurt. 2006



(...) a arte é um espaço para “eliminar o automatismo da percepção, por forma a aumentar a dificuldade e a duração da percepção”.⁸⁵

A pertinência da instalação efémera neste contexto revela-se no potencial sintetizador através do qual coloca em evidência conceitos e relações espaciais, tornando-os mais inteligíveis ao sujeito ou à comunidade. Transferindo elementos quotidianos para outros planos, mais ou menos inesperados, este tipo de intervenção pública (que passa por arquitecturas efémeras, instalações mais ou menos artísticas, performances...) reivindica um novo – ou, pelo menos, distinto – olhar da parte do transeunte, do habitante; pelo seu carácter descomprometido, permite uma aproximação mais informal e descontraída a situações que de outra forma dificilmente seriam experienciadas.

O contacto com intervenções bem direccionadas pode funcionar, então, como contributo para um aumento das capacidades perceptivas do sujeito, estimulando-o a integrar mais e mais consciente informação no processo de escolha, configuração e gestão do seu espaço, nomeadamente doméstico. Pretende-se, aqui, sugerir a instalação efémera como mecanismo que propicie o aumento do nível de consciência e, por conseguinte, de exigência, no que diz respeito à produção e recepção de habitação.

⁸⁵ Victor Shklovsky, citado por Roger Copeland. “Merce Cunningham e a estratégia da percepção” in CELANT, Germano. *Merce Cunningham*. p 146.

O CORPO COMO GERADOR DE CIRCUNSTÂNCIA

*(...) our aim is to capture a mood, a climate of opinion, to examine the phenomena of city life, to create an awareness within the spectator of himself, his attitudes, and the significance of throwaway environment about him.*⁸⁶

Conforme explorado no primeiro capítulo, a relação que estabelecemos, enquanto indivíduos, enquanto cidadãos, com o espaço que nos rodeia tende a ser relativamente superficial. Observamo-lo como espectadores, colocamo-nos num plano de existência distinto; agimos directamente sobre ele quase apenas por motivos utilitários, para solucionar questões práticas. Não se procura, no quotidiano, uma “existência” demasiado assumida, tornando o espaço público pouco mais do que os percursos mínimos de ligação entre locais específicos, onde a vida de facto acontece. Da mesma forma, pouco ou nada se espera do espaço, entendido como algo que está simplesmente ali, que pouco acrescenta ao desenrolar das tarefas e movimentos do dia-a-dia. A responsabilidade colectiva sobre este *espaço* é, assim, desconsiderada, e o corpo, mesmo que presente, omitido.

Questionar a linha entre quem *faz* e quem *vê* – fundamento, de resto, da performance na arte contemporânea – apresenta-se como potencial estímulo a uma dimensão socializante do espaço.⁸⁷ A decisão sobre o que a realidade é, sobre o que se estabelece como aceitável e se integra no paradigma vigente ou provoca uma ruptura, encontra-se no plano transversal da acção individual e colectiva dos habitantes de cada contexto que, dessa forma, determinam o seu ambiente e a direcção em que este evolui.

Tal como acontece a nível do espaço doméstico, a vontade e as possibilidades de um tipo de acção auto-determinante por parte do sujeito são, por definição, bastante limitadas. Seja por falta de interesse, de ferramentas ou, mais ainda, por nunca ter aferido dessa possibilidade,

⁸⁶ ARCHIGRAM. “Living City” in COOK, Peter. *Archigram*. p. 20.

⁸⁷ ELIASSON, Olafur. *Playing with space and light*. TED Talk.

Fig. 60. Man Ray. *Coat-Stand*. 1920.



o indivíduo não age expressivamente sobre o seu habitat, à escala da casa como à escala urbana.

Esta passividade – ainda que legitimada na própria ideia de livre-arbítrio – limita, parece-nos, as possibilidades de afinidade entre habitante e espaço habitado que temos vindo a defender. No entanto, se a nível doméstico cabe apenas ao grupo residente a possibilidade de intervir, neste âmbito mais alargado do domínio público, é possível sugerir, propor acções que digam respeito a mais do que aos elementos que as levam a cabo. Porque pública, uma intervenção deste género – por exemplo, uma instalação efémera – adquire outra dimensão, sendo-lhe possível chegar a indivíduos que dificilmente a proporiariam. Ao fazê-lo, permitem àquele que passa o contacto com uma circunstância diferente, inesperada; apelam à existência corpórea que coloca o indivíduo naquele espaço-tempo concreto, integrando-o. Chamado a participar, seja interagindo directamente, observando outros fazê-lo ou apenas deixando-se surpreender, o sujeito sai do ciclo das realidades como as conhece e é-lhe proposto que as questione, que *se questione*.

*São estímulos, o contacto com outros corpos, a instabilidade. Uma instabilidade produtiva, no sentido em que acabas por estar sempre numa situação de fragilidade. E a fragilidade exalta a criação.*⁸⁸

Mesmo que apenas ligeiro ou momentâneo, este estado de instabilidade e “ruptura” permite *ver* de outro ângulo e desenvolver uma postura mais crítica perante o ambiente que nos rodeia e que ajudamos – com o que quer que façamos – a conformar.

Obras como as de Olafur Eliasson, como veremos, colocam o corpo numa relação mais estreita com o espaço, tornando este último tangível e devolvendo ao primeiro o sentimento de pertença que a sociedade contemporânea parece tender a negar-lhe. A sua presença é reconhecida e encarada como consequente; o corpo provoca algo no espaço – cria circunstância – e este devolve-lhe algo em termos perceptivos – algo que talvez já lá estivesse, mas que sem o input inicial não lhe seria inteligível.

Today, I insist on a similar kind of spatio-sensory holism, where art can challenge and change societies by instantiating different

Fig. 61. Joseph Beuys. *Como explicar os quadros a um coelho morto*. 1965.



⁸⁸ Didier Fiúza Faustino, citado por Pedro Baía, “Displaced Fragments” in *Dédalo* #8 *Dis:place*. p. 95.

*relations to the world, where actions and consequences matter; art takes seriously the space-producing abilities of our bodies. It prompts us to re-evaluate the value systems according to which we measure ourselves and our surroundings; it insists on friction and difference. This offsets the alarming sugar-coating of experiences developed by a world that (involuntarily) generates numbness, a world obsessed with profit and consumerism, which package experiences for sale rather than insists on individual and collective responsibility for sensation and shared space.*⁸⁹

Neste sentido, há ainda que discernir o sentido da experiência do sentido da memória. Tendemos, segundo o psicólogo Daniel Kahneman, a privilegiar o valor da memória em detrimento do da experiência. Tal facto parece dever-se à constância da recordação, que perdura através do tempo. No entanto, essa memória pode ser falaciosa, centrando a sua essência no “final da história”, que assim determina a percepção à distância, de forma quase independente da experiência em si. Ou seja: uma experiência satisfatória que tenha um desfecho pouco memorável será recordada como relativamente neutra; uma experiência medíocre cujo final seja mais marcante, será registada como essencialmente positiva. Estamos então perante uma dissociação da coisa vivida e da coisa lembrada. *We actually don't choose between experiences: we choose between memories of experiences.*⁹⁰

Se, de um certo ponto de vista, será mais importante esse registo, esse souvenir, é possível contestar a sua capacidade produtiva na vida efectiva do sujeito. Ainda que remetendo para um sentimento responsável, em grande medida, pelos dados identitários de que se compõe o homem, a memória é comparativamente parada, passiva; para além dela, que apenas a posteriori se dá a conhecer, é necessário levar a cabo acções que sejam, em si mesmas, capazes de produzir algo, de surtir um efeito no indivíduo, experiências consequentes que dotem de interesse e potencial o mais banal quotidiano.

Enfatizar a experiência passa, desse modo, por revisitar o corpo como centro e motor da vivência, no espaço privado como no público, dando-lhe espaço e expressão, devolvendo-lhe a possibilidade de ser

⁸⁹ Olafur Eliasson, “Your Gravitational Now.” In FEATHERSTONE, David; PAINTER, Joe. *Spatial Politics: Essays for Doreen Massey*.

⁹⁰ *The riddle of experience vs. Memory*, TED Talk.

Fig. 62. Pina Bausch. *Café Müller*. 1978.



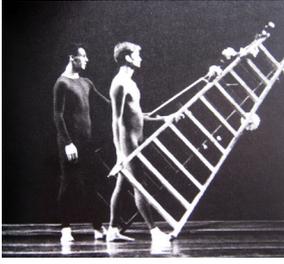


Fig. 63. Merce Cunningham. *Cargo X*. 1989.

mais do que veículo e contentor neutro de pensamentos e emoções: devolver-lhe o seu papel primordial de verdadeira materialização do *eu*.

Tal como a relação eu-casa, a relação eu-corpo está condicionada, tanto por agentes externos como internos. Se no primeiro caso as lógicas específicas segundo as quais se rege o mercado imobiliário se aliam à inércia que perpetua paradigmas não necessariamente adequados, é igualmente verdade que o papel tácito do socialmente aceite, daquilo que o senso-comum determina como correcto ou errado, é igualmente formatador da nossa percepção de nós mesmos – do corpo tanto como do espírito –, condicionando a postura e o tipo de relação que nos permitimos estabelecer com o mundo. *E essa própria indiferença se confere o estatuto de um modo de satisfação diante do que é evidente, evidentemente visível: “o que vejo é o que vejo, e me contento com isso”*⁹¹ As efectivas possibilidades de escolha, num sentido alargado, vêm-se pois limitadas a um leque reduzido comparativamente com aquilo que seria possível com graus de liberdade mais expressivos. Aqui entramos, obviamente, numa discussão distinta, acerca dos limites da acção na vida em sociedade. Não deixa de ser relevante, ainda assim, manter presente que aceitamos este tipo de restrições e indagar da nossa consciência face à questão: é conscientemente que abdicamos das dimensões da nossa personalidade que saem das esferas suficientemente neutras para não nos criarem demasiados problemas?

⁹¹ HUBERMAN, Didi. *O que nós vemos, o que nos olha*. p. 39.

MECANISMOS E FERRAMENTAS PERCEPTIVOS

*(...) if people are given tools and made to understand the importance of a fundamentally flexible space, we can create a more democratic way of orienting ourselves in our everyday lives. We could call our relationship with space one of co-production: when someone walks down a street she co-produces the spatiality of the street and is simultaneously co-produced by it.*⁹²

Neste processo de exploração das capacidades perceptivas, vários são os dispositivos através dos quais se torna possível evidenciar aspectos ou elementos postergados quotidianamente, vários os mecanismos para desenvolver uma postura mais crítica perante a informação que nos chega. A instalação efémera, entendida num sentido lato, apresenta-se-nos como ferramenta profícua para estes propósitos. (...) *an organism designed to condition the spectator by cutting him off from the everyday situation, where things are seen in predictable and accepted relationships.*⁹³

Nesse sentido, há-que perceber diferenciadamente dois aspectos fundamentais da questão perceptiva. O primeiro diz respeito à percepção geral que temos da realidade como um todo e do nosso papel nela; a forma como *escolhemos* responder às circunstâncias, tornando-as consequentes – num processo correlativo em que o mundo nos implica e simultaneamente somos implicados no mundo – ou, pelo contrário, mantendo-nos tanto quanto possível à margem de confrontos. Estamos, aqui, perante um tipo de acção-reacção de cariz essencialmente intelectual, cuja riqueza sucede da capacidade de interpretação de factos. Dito de outra forma, das possibilidades do sujeito de entender a realidade de forma não-linear, integrando a sua complexidade.

Sobre isto, o coreógrafo Victor Hugo Pontes desenvolveu *Voyeur*⁹⁴,

⁹² ELIASSON, Olafur. *Your engament has consequences* in olafureliasson.net

⁹³ ARCHIGRAM. “Living City” in COOK, Peter. *Archigram*. p. 20.

⁹⁴ Inserido no projecto “Em torno”, XI edição *Quadros de Dança* do Núcleo de Experimentação Coreográfica - Biblioteca Almeida Garrett - 2006.

Fig. 64. Joseph Kosuth. *Uma e Três Cadeiras*. 1965-66.



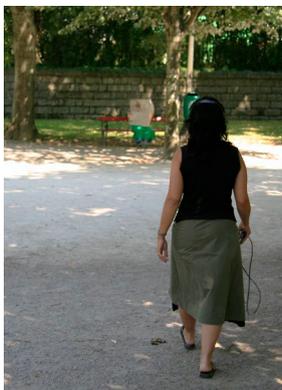
experiência em que, através de uma performance, os participantes são convidados a entrar numa história construída para propiciar o equívoco. Num jardim público – neste caso os jardins do Palácio de Cristal – dois bancos são colocados frente a frente, a alguns metros de distância. Em cada um deles e em simultâneo sentar-se-á um visitante, que receberá informação acerca do outro. A um deles serão dadas instruções, em si mesmas perfeitamente inocentes, de uma série de pequenas acções que



Fig. 65, 66, 67. *Joyeur*: Victor Hugo Pontes. 2006.

deverá realizar. Este será, nesta fase do exercício, o elemento activo.

Enquanto isso, o outro indivíduo observa-o atentamente. No entanto, a análise que pode fazer da realidade observada está condicionada pela escuta de uma gravação. Ao ser-lhe fornecida uma leitura plausível daquilo que vê, este elemento torna-se verdadeiramente passivo, aceitando a história como a ouve. Até que a narrativa obriga ao confronto: o indivíduo activo avança com a sua história em direcção ao outro, que o observa através de uma história totalmente diferente. Aí as histórias cruzam-se, a experiência repete-se com papéis invertidos e o equívoco é entendido. É apenas quando aceitam a versão do *outro* que estes agentes integram a realidade dos factos que presenciaram. Este mecanismo, pela sua simplicidade, mostra-se eficaz no propósito de colocar em evidência o processo ver-interpretar-agir e é representativo



Inserido na edição de 2003 da Bienal de Arquitectura de Roterdão, e num tipo de intervenção bastante diferente, os feld72, colectivo sediado em Viena – associados aos escritórios Artgineering e D+NL – buscam novas formas de interacção num contexto inesperado: as filas de trânsito das grandes metrópoles.



O que propõem com *Filekit* – literalmente “kit de trânsito” em neerlandês – é reequacionar o papel da estrada enquanto elemento urbano onde grande quantidade de pessoas passa um tempo considerável do seu dia-a-dia. Tendo em conta a proximidade física dos veículos – muitas vezes parados ou quase –, foram então criados kits que promovem a interacção inter-automóveis, distribuídos directamente por equipas que circulam em motocicletas. Diferentes conjuntos de objectos possibilitam vários tipos de abordagem entre os condutores ou passageiros dos vários carros. Deles fazem parte elementos tão variados como balões, bíblias e corões, marcadores, preservativos, pistolas de água, binóculos, flores, etc. Para além disso, os kits divulgam o “esperanto do trânsito”, conjunto de códigos desenvolvidos para a comunicação.

De forma provocatória e despreziosa, esta acção questiona o isolamento proporcionado pelo carácter individualizante da viagem de automóvel, ao mesmo tempo que reflecte sobre o sentido da via de circulação enquanto espaço público, estabelecendo uma aproximação àquilo que são, ou poderiam ser, as possibilidades de enriquecimento de uma experiência comum.

Fig. 68, 69, 70. *Filekit*, feld72, Artgineering, D+NL, 2003.



i want to talk



meeting next exit



*Filekit stimulates the automobilist to pass by the physical and mental barrier of his (or her) own individual car, to get in contact with the unknown; a toolbox offering the means to enable interaction and to (re)think one's attitude within the social and spatial condition of a traffic jam.*⁹⁵

O segundo aspecto, por sua vez, refere-se ao valor da percepção sensorial. As solicitações a este nível são geralmente bastante desequilibradas mas, de qualquer forma, a quantidade de estímulos não pressupõe a sua qualidade. Assim, mesmo a visão, não carece de aprendizagem e desenvolvimento.

*É certo que o trabalho de Merce Cunningham pode não simbolizar coisa nenhuma; mas cumpre uma função para além de si mesmo: a da nossa formação perceptiva. A importância da obra de Cunningham reside não só no que nos é dado ver e ouvir mas, também, na maneira como vemos e ouvimos o que nos é dado. Nas palavras de Peter Brook, a obra de Merce Cunningham é “uma preparação contínua para o choque da liberdade.”*⁹⁶

O apelo não apenas aos sentidos mas ao seu uso atento e produtivo (no sentido em que acrescentem algo) é tema de grandes explorações na arte, abordada em diversos tipos de manifestação. Não se trata de criar ilusões: é da realidade que se trata, é ela que se trabalha e se revela ao aprofundamento dos sentidos. *Os cenários de Cunningham (...) promovem um escrutínio analítico que é anti-ilusório.*⁹⁷ Se este bailarino e coreógrafo o faz através da dança – área de relação corpo-espaço por excelência – e das componentes com ela associadas, como a música ou a cenografia, outros artistas fá-lo-ão com as suas instalações e intervenções públicas. É o caso do colectivo espanhol Boa Mistura, conhecido pela incorporação de mensagens em contextos urbanos recorrendo à anamorfose. De forma bastante directa, provocam estranheza e repõem a atenção nos espaços já conhecidos e, por isso, anulados perceptivamente. Trata-se de um estímulo de diferente carácter, já que não implica um processo intelectual tão complexo, mas pressupõe

⁹⁵ Artgineering, D+NL, feld72 “Filekit” in <http://www.artgineering.nl/filekit/how.html>

⁹⁶ Roger Copeland. “Merce Cunningham e a estratégia da percepção” in CELANT, Germano. *Merce Cunningham*. p.153.

⁹⁷ Ibidem. p. 153.

uma activação do olhar, através do qual o sujeito se torna agente. A experiência centra-se no seu “corpo aqui-e-agora”⁹⁸ tornando a sua presença consequente, o espaço olhado. Propostas mais sofisticadas mas com princípios semelhantes são as de Olafur Eliasson.

Yellow Fog, instalação de luz e vapor originalmente apresentada em Nova Iorque em 1998 e em exposição permanente em Viena desde 2008, serve este mesmo propósito: fazer o transeunte questionar o seu ambiente quotidiano, redefinindo a relação e as expectativas entre ambos, *criando uma experiência mais precisa da distancia e relações espaciais*.⁹⁹

Multiple Shadow House, trabalho apresentado em 2010 numa galeria nova-iorquina, requer já um nível de participação superior: é ao submeter-se à projecção da sua sombra que o visitante acciona o mecanismo da instalação. Ao fazê-lo, diversas e coloridas sombras habitam então o painel à sua frente. Nada acontece de realmente *novo*; no entanto, ao enfatizar a silhueta dos corpos, descontextualizando-os e tomando-os por objecto de contemplação, a obra convida a uma redescoberta do próprio corpo, dando significação à presença do indivíduo. É desta constante troca que vive o trabalho, desta resposta do ambiente ao sujeito quando este escolhe ser activo.

Num terceiro grau de complexidade – mesmo que o sujeito não interfira directamente na performance da obra – está *The Mediated Motion*, Austria, 2001, realizado em colaboração com o arquitecto paisagista Günther Vogt.

Ocupando todo o edifício do Kunsthaus Bregenz, de Peter Zumthor, esta “exposição” permite ao visitante a *experiência e a consciência da experiência*.¹⁰⁰ A instalação não apenas ocupa as distintas salas do museu, ela *habita-as*, cria ambientes a serem percorridos pelos utilizadores. Este percurso tem diferentes momentos, integrados num todo coerente, na medida em que todos remetem para elementos naturais, conhecidos, aplicados ao espaço abstracto e de todo o modo reconhecível do edifício. Dessa forma, justapondo realidades geralmente desarticuladas, pretende-se que o sujeito percepcione o espaço através tanto da realidade

Fig. 73. *Yellow Fog*.
Olafur Eliasson. 2008.

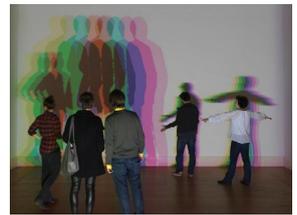


Fig. 74. *Multiple Shadow House*. Olafur Eliasson. 2010.

⁹⁸ Olafur Eliasson, “Your Gravitational Now.” In FEATHERSTONE, David; PAINTER, Joe. *Spatial Politics: Essays for Doreen Massey*.

⁹⁹ Sem autor “Yellow Fog by Olafur Eliasson” in <http://www.e-flux.com/announcements/yellow-fog-by-olafur-eliasson/>

¹⁰⁰ ELIASSON, Olafur in <http://www.vogt-la.com/en/case-studio/mediated-motion>

Figs. 75, 76, 77. *The Mediated Motion*. Olafur Eliasson. 2001.

observável como das memórias e referências externas que possui sobre cada uma das partes do conjunto.



Através da utilização de água, vapor, terra, plantas, dá-se não apenas um fenómeno visual inesperado como a inevitabilidade de envolver os restantes sentidos. Olfacto, audição e tacto são, então, incluídos nesta experiência perceptiva que subverte a expectativa de uma ida ao museu.

O que caracteriza todas estas intervenções é o foco no espaço relacional entre o sujeito e o objecto, entre o sujeito e o espaço. É aquilo que Olafur Eliasson definiu como *Your Engagement Sequence*:

*YES attunes our attention to time, movement and changeability. It makes relative what is often considered to be true. Whenever a so-called truthful statement is made, you have to add YES in order to relate to, see through and make use of the statement. By regarding YES as a central element of our perceptions, you can negotiate the governing dogma of timelessness and static objecthood, thus emphasizing your responsibility for the configuration of the concrete situation.*¹⁰¹

Ao permitir intensificar a experiência e a circunstância, esta mediação, controlada e dirigida, torna-se matéria de trabalho, do artista como do arquitecto. A relação aqui estabelecida com a arte é, então, manifestação de um processo perceptivo generalizável ao quotidiano, à relação com o espaço, público ou doméstico. *In this way* [combinando vários elementos em configurações mais complexas] *we continuously*

¹⁰¹ Olafur Eliasson, “Your Engagement has Consequences” in RIDGEWAY, Emma. *Experiment Marathon: Serpentine Gallery*. Reykjavik: Reykjavik Art Museum, 2009.

*reinterpret the world we inhabit, shifting from one perspective to another in a dialogue with the forms around us, as well as with others who are inhabiting them.*¹⁰²

Estimular o entendimento desta responsabilidade, individual mas partilhada, sobre as circunstâncias, poderá assim desenvolver um nível de consciência transversal mais elevado, a partir do qual tomar decisões face às questões com que constantemente nos deparamos. Ainda que seja possível viver sem dar grandes respostas, sem tomar grandes posições, as questões, cremos, estão lá na mesma; ignorá-las, por escolha ou distração, não deixa de ter consequências. O sujeito continua, pois, nessa medida, a ser responsável pela sua realidade.

¹⁰² HABRAKEN, p. 17.

CASOS DE ESTUDO

De una manera creciente, el arte y la arquitectura se quieren liberar de la representación generada y mantenida por el sistema. En lugar de eso, se da prioridad a la presencia descodificadora de lo real. No nos sorprende que la expresión relacional se utilice tanto. La nueva obra de arte es directamente – sin filtros – relacional: su contenido son las experiencias intersociales e interescales que genera; los visitantes se vuelven espectadores, contertulios o vecinos; el lugar, campo interactivo. El nuevo arte no se basa en experiencias pasivas: el factor clave es, por el contrario, la participación activa.¹⁰³

The Weather Project

Olafur Eliasson, Londres, 2003

Neste projecto de grandes dimensões é ocupada a totalidade do *turbine hall* do museu Tate Modern. O dispositivo é simples: o tecto é revestido de espelho; num dos topos da sala, um semi-círculo luminoso; ao longo do espaço, vários pontos de introdução de vapor de água. O resultado: um espaço contínuo, amplo, invadido pelo vapor através do qual se apresenta a luz intensa daquilo que é visto como uma esfera, devido à reflexão do semi-círculo. O visitante que chega é recebido, mais do que por uma obra, por uma atmosfera. E é precisamente essa a obra.

Aqui se explora, entre outras coisas e a vários níveis, a ideia de mediação. O ambiente recriado é o de um cenário natural, um pôr-do-sol através do nevoeiro. Dessa forma, através do aspecto meteorológico, é posta em causa a relação que estabelecemos com este exterior que não podemos controlar. Seguros no interior dos edificios, olhamos o estado do tempo, informamo-nos sobre ele através de boletins e previsões, tornando indirecto o contacto; as condições do que é interior e exterior estão definidas a priori. No entanto, a artificialidade deste ambiente é

¹⁰³ GAUSA, Manuel. *OPOP - Optimismo Operativo en Arquitectura*. p. 23.

assumida, deixando visíveis todos os mecanismos que compõem a obra, desde as instalações eléctricas do “sol” às máquinas que produzem o vapor:

*The benefit in disclosing the means with which I am working is that it enables the viewer to understand the experience itself as a construction and so, to a higher extent, allow them to question and evaluate the impact this experience has on them.*¹⁰⁴

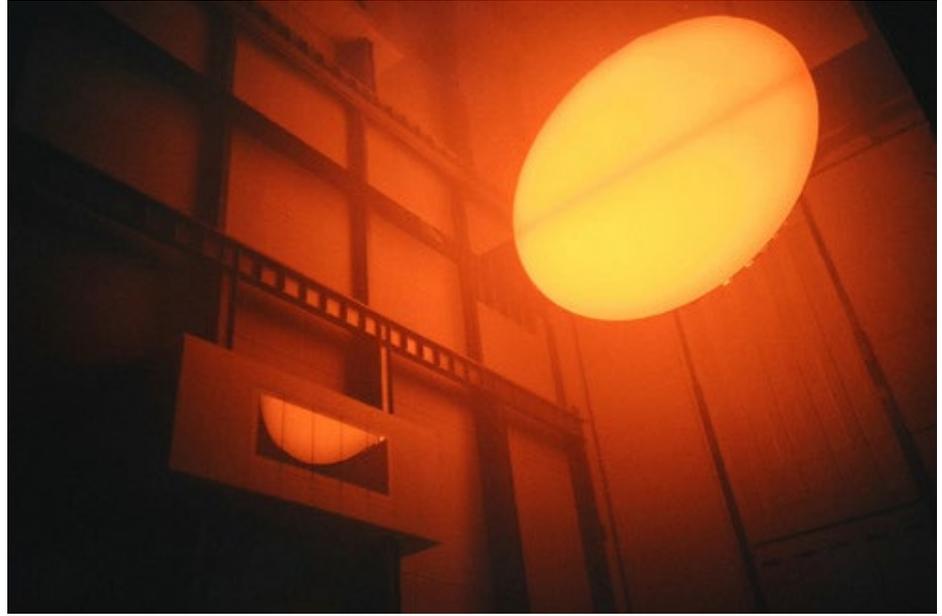
Trata-se, pois, de estimular a percepção da circunstância em toda a sua complexidade, discorrer sobre o seu impacto sensorial e intelectual.

Tal como em *The Mediated Motion*, ao cruzar com o espaço interior, artificial, elementos naturais que apenas encontramos no exterior, é-nos proposto sair do nosso plano mais ou menos linear de entendimento do mundo e da forma como encaramos a nossa presença num espaço que se encontra configurado de forma paradoxal. É forçada uma relação do corpo com o espaço que sai da esfera do conhecido e do expectável. Essa subtil subversão aplica-se também ao binómio produtor-receptor: do ponto de vista do visitante de um museu, diz a tradição e a prática comum que se vai “ver uma exposição”. Esta expressão contém toda uma realidade que a arte contemporânea virá contestar: o pressuposto de uma comunicação num único sentido, que assume a postura do receptor como passiva perante um objecto que lhe é dado a observar, será abundantemente contestado em diversas áreas; explorar-se-á então a integração do sujeito no acto artístico, seja através de uma componente de indeterminação do sentido do objecto apresentado – que o indivíduo terá de completar com a sua própria interpretação – seja de forma mais directa – recorrendo a um apelo à sua realidade corpórea, ao impacto da sua existência no espaço. Em *The Weather Project*, como na generalidade dos seus trabalhos, Eliasson coloca-nos nesta última situação. Ao tornar o espaço tangível, intensifica-se a experiência. Isso revela-se na reacção dos visitantes que, vista a obra e entendido o seu mecanismo, permaneciam recorrentemente no espaço, procurando os seus reflexos no céu distante do tecto espelhado, formando grupos, deixando mensagens. A instalação enquanto objecto deixa de ser o centro da atenção: é a experiência potenciada que interessa.

¹⁰⁴ ELIASSON, Olafur in <http://www.tate.org.uk/whats-on/exhibition/unilever-series-olafur-eliasson-weather-project/understanding-project>



Fig. 78. *The Weather Project*, Olafur Eliasson, 2003.



Figs. 79, 80 81, 82. *The Weather Project*. Olafur Eliasson. 2003.

Intersection II

Richard Serra, Basileia, 1992

Esta escultura é composta por quatro peças de aço, idênticas, com quatro metros de altura por mais de quinze de comprimento, dispostas com ângulos distintos relativamente ao solo. Assim, são estabelecidas três passagens pelo interior das várias placas. É uma obra pensada para o exterior, com um forte carácter urbano, tanto pela sua escala como pelas características sensoriais que apresenta. A possibilidade de atravessamento manifesta a vontade de interacção e o material, resistente à intempérie e ao contacto humano, dá espaço a que a exploração ocorra. Não são dadas quaisquer instruções nem há um ponto focal que concentre a atenção; a aproximação a este objecto inesperado é feita em tom de descoberta. A primeira reacção é de estranheza: algo muda no interior daquelas paredes curvas e inclinadas, algo aconteceu ao espaço, mas não é óbvio o quê. Só pouco a pouco, à medida que insistimos, se vão tornando mais inteligíveis os processos em acção em nós.

Numa das passagens laterais, ambas as placas de aço se inclinam para o interior, comprimindo o espaço sobre o visitante. A verticalidade do corredor é acentuada, a visibilidade do céu reduzida e não é possível ver o final do percurso, o avanço faz-se sempre em direcção à própria peça, que nos cerca. A perspectiva de fechamento traduz-se em tensão corporal, hesitação, movimentos curtos até que se recupere a visibilidade do exterior.

Por sua vez, a passagem central, mais ampla, produz efeitos totalmente distintos. Aqui, as paredes encontram-se paralelas entre si, ou seja, uma delas inclina-se sobre o espaço e a outra para fora deste. É o único espaço que não se configura como corredor, incentivando uma estadia mais prolongada, apesar de uma certa necessidade de reequilibrar o passo. O espaço é mais controlável visualmente, mas transmite isolamento, sobretudo devido às alterações sonoras, criando uma sensação de atemporalidade que deixa o corpo como que suspenso em relação ao contínuo espaço-tempo a que estamos acostumados.

Por último, o outro corredor define-se através das placas que se afastam da passagem. Consequentemente, há uma maior abertura e visibilidade do céu, redefinindo a proporção entre o espaço de chão, fisicamente utilizável, e os limites do olhar. A travessia faz-se, pois,

de forma mais descontraída, mais propícia à exploração material da escultura através do toque.

No seu conjunto, a obra de Serra oferece três experiências em torno de uma única peça – ela própria construída por repetição de um único elemento – e sintetiza situações de carácter urbano assim tornadas, através do objecto artístico, mais expressivas e claras, isoláveis e analisáveis. Aquilo que poderia ser entendido tradicionalmente como “escultura” – isto é, objecto para olhar, mas não tocar – é tornado verdadeiramente palpável, integrado na experiência banal de atravessar um espaço público.

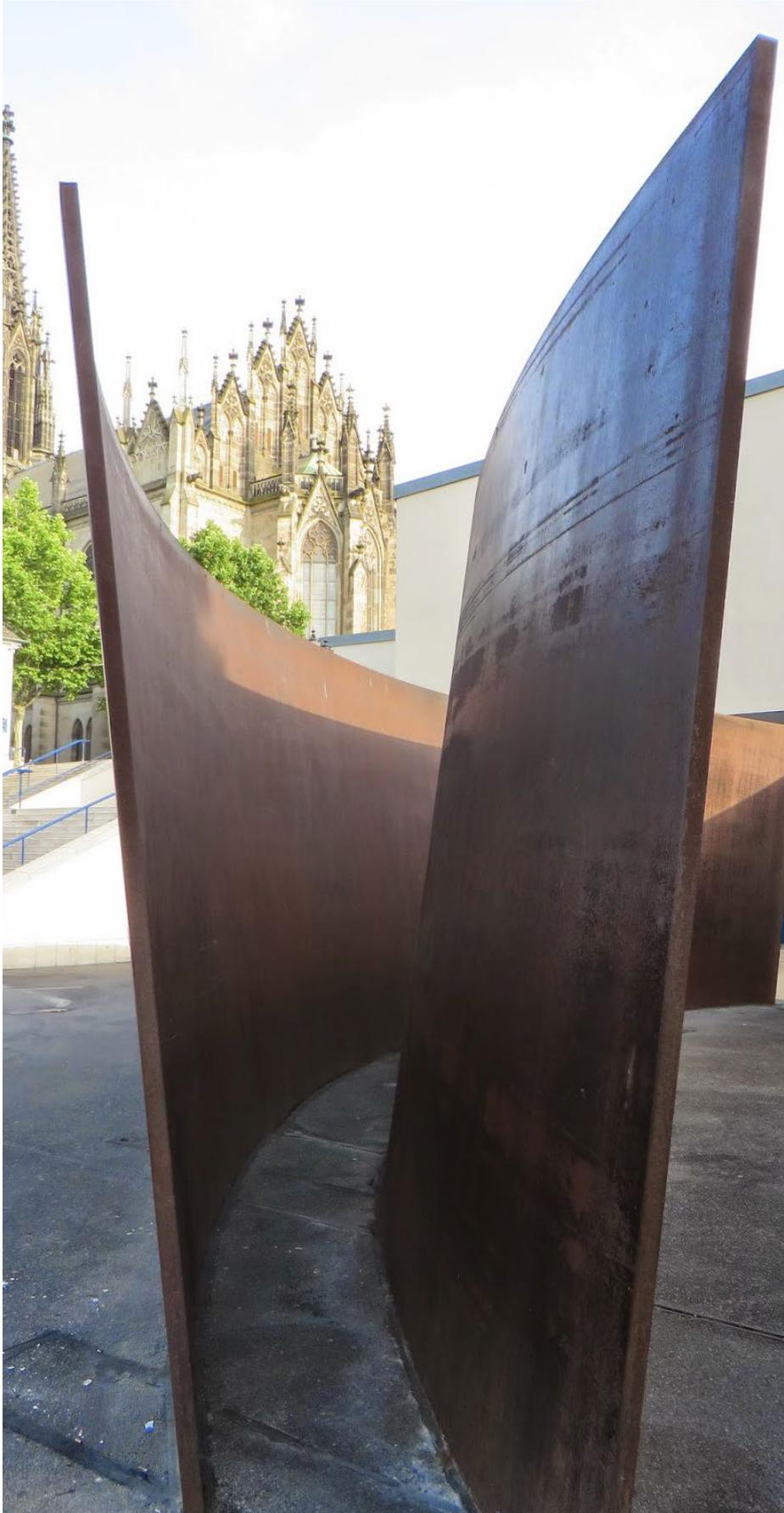


Fig. 83. *Intersection II*. Richard Serra. 1992.



Figs. 84, 85, 86, 87. . *Intersection II*. Richard Serra. 1992.



Alteration to a suburban house

Dan Graham, Nova Iorque, 1978

Neste trabalho, em forma de maquete de arquitectura, Dan Graham propõe a representação do arquétipo de habitação dos subúrbios americanos. Sobre uma das três casas apresentadas nesta peça executa duas alterações, que mais não são do que opções alternativas a nível da escolha dos materiais do edifício, não lhe modificando a morfologia. A fachada torna-se, assim, um plano de vidro, transparente, e a parede do fundo – que isola os quartos e instalações sanitárias das salas e cozinha – espelho.

O que aqui se pretende, tal como nos casos anteriores, não é um efeito de ilusionismo. Pelo contrário, é de mecanismos de reactivação da realidade que se compõem. Através desta mudança de materiais, Graham apresenta uma situação arquitectónica que coloca, primeiro, a atenção do transeunte naquela casa em particular; depois, faz deste um activo observador de qualquer actividade que possa ocorrer na casa, do seu quotidiano; por fim, confronta o observador com a sua acção, mostrando-lhe o seu reflexo. Desta forma, e porque os habitantes da casa alterada podem igualmente observar quem os observa, são subvertidos os entendimentos tradicionais de interior/exterior e público/privado: a vida *privada* mostra-se à rua, ao espaço *público*, inclui o sujeito que passa na acção interior ao mostrá-lo na face exterior e ao projectá-lo na interior. O estabelecimento de um limite entre estes conceitos, usualmente tarefa a cargo da fachada, é apenas feito fisicamente, colocando em evidência os outros aspectos que assim ficam em falta. Também o carácter identitário da *casa* parece encontrar-se dependente das características da fachada: *Alteration to a Suburban House, by substituting the actual place of the conventional sign, strips the house of its community-defined "personal" identity.*¹⁰⁵ Retirando-lhe o carácter representativo da fachada, a casa perde identidade, ainda que o seu interior permaneça exposto e, assim, exteriorizado; a ideia de que a definição de *casa* se estabelece mais a partir do que é perceptível do exterior do que das relações que configuram a vida no seu interior é aqui posta em causa.

Através desta exploração, mesmo que apenas em maquete, das

¹⁰⁵ GRAHAM, Dan in ALBERRO, Alexander. *Two-way mirror power: selected writings by Dan Graham on his art*. p. 160.

características materiais e urbanas da arquitectura, Graham questiona ainda as abordagens modernas em torno da transparência:

Together with the reflections on repetition and banality typical of his early work, Graham introduced a critique of the modernist trope that the literal transparency of glass in architecture would lead to social transparency.¹⁰⁶

Este é um trabalho com directa relação com o campo da habitação, que propõe a reflexão acerca da vivência do espaço doméstico e do espaço público. Ao reposicionar tanto o transeunte como o habitante nesta esfera, o sujeito que vê e pensa sobre esta obra encontra-se também, ele próprio, em posição de reajuste ao associar-se a ambos os intervenientes do exercício.

¹⁰⁶ MoMA “Dan Graham: Alteration to a Suburban House” in http://www.moma.org/collection/object.php?object_id=147054



Fig. 88. *Alteration to a suburban house*. Dan Graham. 1978.



Figs. 89, 90, 91. *Alteration to a suburban house.* Dan Graham. 1978.

Com abordagens distintas, estes três trabalhos dão corpo à ideia inicial de que estar num espaço deve fazer diferença. As três obras – mesmo a de Dan Graham, ainda que de uma perspectiva diferente, mais racional do que corpórea – apelam à existência particular do sujeito, tornam-lhe perceptível a sua presença. Ao fazê-lo contactar, por um momento, com uma realidade que não a sua, estimulam-no a questionar as suas opções e a forma como se coloca perante o espaço público. Este reajuste de expectativas dá azo à integração de novos elementos no plano pessoal de acção e de novas ferramentas conceptuais, propiciando a flexibilidade mental que permite ao indivíduo libertar-se de preconceitos e decidir, por si, quais as opções a tomar, também no campo da habitação.

SÍNTESE CONCLUSIVA

É como entrar numa casa estranha e ter de seguir por caminhos desconhecidos. Passado algum tempo, esses caminhos deixam de ser desconhecidos.¹⁰⁷

Vimos, no decorrer deste trabalho, como a casa, enquanto elemento programático, representa um desafio particular no trabalho de projecto. Se pensarmos na habitação para uma única pessoa, ou mesmo uma única família, o arquitecto tem a possibilidade de auxiliar o habitante final do espaço que tem em mãos, acompanhando-o ao longo de todo o processo de percepção e hierarquização daquilo que são as suas necessidades. Permite-lhe, assim, uma escolha mais consciente daquilo que melhor corresponda à sua realidade específica. Por sua vez, ao projectar-se um único tipo de habitação para um vasto número de habitantes, a eficácia da solução adoptada será variável. Porque intensifica a complexidade das decisões de desenho do espaço, a habitação plurifamiliar revelou-se o âmbito apropriado às questões que se pretendia levantar. Nela, mais do que em qualquer outro programa, reúne-se a influência de diversas esferas. Com detalhe praticável, explorámos então o Homem enquanto sujeito e as suas necessidades essenciais enquanto organismo físico e perceptivo. Dessa forma, foi possível corroborar a pertinência da atenção prestada ao corpo, não apenas enquanto conjunto específico de propriedades físicas, mas também enquanto entidade sensível. O corpo através do qual materializamos a nossa existência e que serve de praticável ao *eu* interno. É fundamental, nesse sentido, desenvolver no sujeito a capacidade de escolher, apesar das condicionantes exteriores, a sua forma de ser e estar no mundo, dando-lhe liberdade e ferramentas para criar a sua própria circunstância

Foi também introduzida a dualidade do papel da sociedade. Por um lado, é ela, enquanto estrutura, que torna possível a vida em conjunto e a livre associação de indivíduos com interesses comuns. É nela que nasce a família enquanto instituição: a família que garante a protecção

¹⁰⁷ CUNNINGHAM, Merce. “Story Tale of a Dance and a Tour” in CELANT, Germano. *Merce Cunningham*. p. 37.

e integração dos seus elementos num exterior que não podem controlar. Oferece, pois, ao indivíduo, uma estabilidade de que este necessita e que só poderá obter por si próprio, eventualmente, numa fase relativamente tardia da sua vida – alcançando um nível de grande maturidade ou constituindo um novo núcleo familiar. Ao mesmo tempo, porém, é também a família que primeiramente influencia o indivíduo, marcando a sua evolução e as características da sua personalidade. A visão que terá de si próprio e do mundo são, em grande medida, fruto desta força. Por outro lado, no círculo externo, está também sujeito às pressões sociais, que ditam o que pensar e o que fazer, condicionando a liberdade de escolha. Neste cenário, a importância da casa enquanto local para existir sem restrições alia-se à ancestral necessidade de abrigo da intempérie. *Casa-do-corpo* e *casa-da-alma* funcionam em conjunto e serão tão mais eficazes quanto melhor possam satisfazer as necessidades de cada indivíduo. Estas necessidades não são necessariamente generalizáveis, o que implica um grande cuidado no acto projectual. Não obstante, de pouco servirá esse cuidado se o sujeito não tiver, ele próprio, consciência de si, das suas características e de como tirar o maior partido do seu espaço.

126

Procurou-se, então, abordar projectos de habitação plurifamiliar sob este prisma. A produção corrente mantém-se, conforme se verificou, muito ligada aos princípios espaciais do Movimento Moderno, referente talvez nem sempre consciente mas que continua a pautar a habitação que se produz actualmente. Ao manter este modelo, está garantida a qualidade funcional do espaço doméstico, que facilmente corresponderá às expectativas do público e irá promover a manutenção do paradigma, apoiado no mercado imobiliário. No entanto, esta opção fornece geralmente soluções fixas, com pouca capacidade de adaptação a um utilizador variável.

Por sua vez, da aproximação a alguns casos de projectos alternativos, foi possível observar que adoptam múltiplas formalizações, parecendo a ideia de indeterminação o denominador comum. Reclamando a inclusão da complexidade dos sujeitos e dos grupos domésticos contemporâneos, esta linha de acção torna-se mais exigente também para o utilizador. Para usufruir dos potenciais benefícios de um tipo de habitação que sai dos cânones daquilo que já conhece, é-lhe proposta uma alteração de paradigma e, em certos casos, uma participação efectiva na configuração

da casa. Assim, este tipo de solução permanece disponível sobretudo em situações assumidamente experimentais que, porque novas, não têm ainda provas dadas de qualidade, o que prejudica a sua legitimidade perante projectos mais tradicionais e generalistas.

Finalmente, apresentou-se a instalação efémera como possível ferramenta de estimulação das capacidades perceptivas do sujeito não especializado. A partir dela, procurou-se estabelecer uma relação entre situações espaciais colocadas em evidência, o seu potencial efeito no indivíduo e a partir dele, na sociedade. Tratando-se de intervenções em espaços públicos, o contacto com realidades inesperadas permite reactivar o olhar, implicando-nos no espaço e mostrando-nos em que medida a nossa presença é consequente. Esta ideia de responsabilidade partilhada, tal como o questionamento de elementos quotidianos, foi explorada apoiando-se em projectos de diferente natureza, deixando em aberto a sua eventual utilidade como ponte entre paradigmas residenciais.

Interesarían tales dinámicas porque en dichas arquitecturas-acción – sinestéticas y sinestratégicas, sintéticas y estratégicas – la arquitectura y la realidad en la que esta se inscribiría aparecerían condensadas en decisiones programáticas capaces de fusionar, con inmediatez, causa y efecto, cuestión y resolución.¹⁰⁸

127

Com esta dissertação, mais do que apontar um caminho para a produção de arquitectura ou para o comportamento dos indivíduos, desenvolveu-se sensibilidade para a complexidade das situações que devem informar o trabalho do arquitecto; desenvolveu-se a consciência da habitação enquanto exercício humano, de gestão e de poesia, mais do que de desenho ou composição; desenvolveu-se espírito crítico. Com esta dissertação cresci um pouco mais, enquanto arquitecto por ser, e enquanto indivíduo.

Este trabalho fez-se de questões da disciplina e de questões da vida, que tantas vezes se confundem, misturam e fundem. Fez-se de arquitectura, de teatro, de dança, de cenografia e de performance. De angústia e entusiasmo. De convicções e interrogações.

E aqui termina, no papel, apenas para seguir estimulando o dia-a-dia das práticas que virão.

¹⁰⁸ GAUSA, Manuel. *OPOP - Optimismo Operativo en Arquitectura*. p 22.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTAR. *Total Housing*. Barcelona, New York: Actar. 2010.

ALBERRO, Alexander. *Two-way mirror power: selected writings by Dan Graham on his art*, Cambridge: The MIT Press. 1999.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

CAGE, John. *Silence. Lectures and Writings*. EUA: Wesleyan University Press. 1961.

CELANT, Germano. *Merce Cunningham*. Milão: Charta. 1999.

COSTA, António Firmino da. *Sociologia*. Lisboa: Difusão Cultural. 1992.

COOK, Peter. *Archigram*, New York: Princeton Architectural Press. 1999.

CORBUSIER. *The Modulor*, Great Britain: Faber and Faber Limited. 1961.

CROS, Susanna. *OPOP - Optimismo Operativo en Arquitectura*. Barcelona: Actar. 2005.

ELIASSON, Olafur. *Your Lighthouse – Works with Light 1991-2004*. Wolfsburg: Hatje Cantz Verlag. 2004.

ENGBERG-PEDERSEN, Anna. *Studio Olafur Eliasson – An Encyclopedia*. Berlim: Taschen. 2012.

FEATHERSTONE, David; PAINTER, Joe. *Spatial Politics: Essays for Doreen Massey*. Londres: Wiley-Blackwell. 2013.

FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele. *Guia da Arquitectura Moderna*, Porto: 1925-2002: Maia, Matosinhos, Porto, Vila Nova de Gaia. Porto: Edições ASA. 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes. 2004.

FORTY, Adrian. *Words and buildings – A vocabulary of Modern Architecture*. Nova Iorque: Thames & Hudson. 2000.

GAUSA, Manuel; SALAZAR, Jaime. *Housing: Nuevas Alternativas, Nuevos Sistemas + Singular Housing: El Dominio Privado*. Barcelona: Actar. 2002.

GAUSA, Manuel; DEVESA, Ricardo. *Otra Mirada: Posiciones contra crónicas*, Barcelona: Gustavo Gili. 2010.

HABRAKEN, N. J. *The structure of the ordinary - form and control in the built environment*. Cambridge: The MIT Press. 1998.

HALL, Edward T. *A Dimensão Oculta*, Lisboa: Relógio d'Água. 1986.

HERZOG, Thomas. *Construcciones neumáticas: manual de arquitectura hinchable*. Barcelona: Gustavo Gili. 1977.

HOLL, Steven; PALLASMAA, Juhani; PÉREZ-GÓMEZ, Alberto. *Questions of Perception: Phenomenology of Architecture*. San Francisco: William Stout Publishers. 2006.

HUBERMAN, Didi. *O que nós vemos, o que nos olha*. Porto: Dafne. 2011.

ITO, Toyo. *Escritos*. Múrcia: COAAT. 2000.

KAHN, Louis I. *Order and Form*. Cambridge: MIT Press. 1955.

KANT, Immanuel. *Critique of pure reason*. Nova Iorque: The Colonial Press. 1900.

LAMERS-SCHÜTZE, Petra. *Teoria da arquitectura - do Renascimento aos nossos dias.* Colónia: Taschen GmbH. 2003.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace.* Paris: Anthropos. 1974.

LEVIN, Thomas Y. *Ctrl space : rethorics of surveillance from Betnham to Big Brother.* Karlsruhe. ZKM. 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Olho e o Espírito,* 2006

MOLDER, Maria Filomena, *A Imperfeição da Filosofia.* Lisboa: Relógio d'Água. 2003.

MORALES, José. *La dissolución de la estancia: transformaciones domésticas, 1930-1960.* Madrid: Rueda. 2005.

OCKMAN, Joan. *Architecture culture 1943-1968: a documentary anthology.* 2000.

131

PINTO, Jorge Cruz. *O espaço-limite. Produção e Recepção em Arquitectura.* Lisboa: ACD Editores. 2007.

RIDGEWAY, Emma. *Experiment Marathon: Serpentine Gallery.* Reykjavik: Reykjavik Art Museum. 2009.

RYNSZTEJN, Madleine. *Olafur Eliasson.* Hong Kong: Phaidon Press Limited. 2002.

SANTA-MARÍA, Luís Martínez. *El libro de los cuartos,* Madrid: Lampreave. 2011.

SEGALEN, Martine. *Sociologia da Família,* Lisboa: Terramar. 1999.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Presente y Futuros. La Arquitectura en las Ciudades.* Barcelona: Actar. 1996.

SORIANO, Frederico; PALACIOS, Dolores. *Es pequeño, llueve dentro y hay hormigas.* Barcelona: ACTAR. 2000.

TRACHTENBERG, Marvin; HYMAN, Isabelle. *Architecture – From Prehistory do Post-Modernism.* Londres: Academy. 1986.

WHITELEY, Nigel. *Reyner Banham : historian of the immediate future.* Cambridge: The MIT Press. 2002.

ZUMTHOR, Peter. *Thinking Architecture,* Germany: Birkhäuser. 2006.

Online:

99 Percent Invisible - <http://99percentinvisible.org/>

Ana Aragão - <http://www.anaaragao.com/>

Artgineering - <http://www.artgineering.nl/>

Boa Mistura - <http://www.boamistura.com/>

Border Crossings Magazine - <http://bordercrossingsmag.com/>

E-flux - <http://www.e-flux.com/>

Encore Heureux - <http://encoreheureux.org/>

EntreVoir - <http://entrevoirart.blogspot.pt/>

feld72 - <http://www.feld72.at/>

Filekit - <http://www.filekit.nl/>

Gullart Architects - <http://www.gullart.com/>

Lacaton & Vassal - <http://www.lacatonvassal.com/>

Man Ray Trust - <http://www.manraytrust.com/>

MoMA - <http://www.moma.org/>

Olafur Eliason - <http://www.olafureliasson.net/>

Phaidon - <http://www.phaidon.com/>

Tate Modern - <http://www.tate.org.uk>

The Archigram Archival Project - <http://archigram.westminster.ac.uk/>

Victor Hugo Pontes - <http://victorhugopontes.blogspot.pt/>

VOGT - <http://www.vogt-la.com/>

Walker Art Center - <http://www.walkerart.org/>

TED Talk Olafur Eliasson *Playing with space and light*

http://www.ted.com/talks/olafur_eliasson_playing_with_space_and_light

TED Talk Daniel Kahneman *The riddle of experience vs. memory*

http://www.ted.com/talks/daniel_kahneman_the_riddle_of_experience_vs_memory

TED Talk Luke Syson *How I learned to stop worrying and love “useless” art*

http://www.ted.com/talks/luke_syson_how_i_learned_to_stop_worrying_and_love_useless_art

Outros:

Dédalo #8: Displace. Porto: Diário do Porto. 2011.

Fisuras: Transmutaciones. Madrid: Fisuras. 2012.

Fisuras: Pop Up - architectures that appear and disappear. Madrid: Fisuras. 2013.

Prática[s] de Arquitectura - Projecto | Investigação | Escrita – ciclo de lições. FAUP. 2012.

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1

<http://www.thedaysofyore.com/blog/wp-content/uploads/2011/12/IMPONDERABILIA-2.jpg> (Acedido em: 26.08.2014 - 18h29)

Figura 2

http://www.moma.org/explore/inside_out/inside_out/wp-content/uploads/2011/03/tumblr_kurairqo3a1qaylzzo1_500.jpg (26.08.2014 - 18h49)

Figura 3

http://archigram.westminster.ac.uk/img/prj_thumbs/179_medium.jpg
(6.10.2010 - 11h49)

Figura 4

<http://www.museuma.com/egon-schiele/standing-male-nude-with-a-red-loincloth.jpg> (6.06.2014 - 15h50)

Figura 5

http://www.portlandart.net/archives/warhol_outer.jpg (27.07-2014 - 18h31)

Figura 6

<https://www.youtube.com/watch?v=QxKSn1HhzW0> (21.07.2014 - 15h51)

Figura 7

Archigram. p. 69.

Figura 8

Otra Mirada. p. 248.

Figura 9

<http://www.arthistoryarchive.com/arthistory/photography/images/CindySherman-Untitled-122-1983.jpg> (25.08.2014 - 19h05)

Figura 10

Archigram. p. 79.

Figura 11

Construcciones neumáticas. p. 24.

Figura 12

http://2.bp.blogspot.com/_FtSDSsncApE/TTtPKi4OcmI/AAAAAAAAABo/z8I_nV1V8oU/s1600/lurdes%2Bcastro.JPG (27.08.2014 - 12h13)

Figura 13

<https://www.youtube.com/watch?v=JTEFKFiXSx4> (27.08.2014 - 17h19)

Figura 14

Otra Mirada. p. 46.

Figura 15

<http://www.anaaragao.com/eu-sou-muitos-iii/> (26.08.2014 - 19h55)

Figura 16

http://4.bp.blogspot.com/-t0f7yHB8Zis/TiYX38gmSzi/AAAAAAAAAuo/mANFF8DuE9o/s1600/montepio_ricca-9.jpg (17.09.2014 - 15h39)

Figura 17

http://2.bp.blogspot.com/-YE5OIHDT6NQ/TiYXoWPUvQI/AAAAAAAAAuE/urmgm99F-M0/s1600/ricca_+juliordinis_plantatipo_peq.jpg (20.04.2014 - 20h00)

Figura 18

Esquema do autor

Figura 19

http://www.elcroquis.es/media/public/img/Reediciones/Alvaro_Siza/21_BOAVISTA_big.jpg (17.09.2014 - 15h48)

Figura 20

Álvaro Siza: casas 1954-2004. p. 304.

Figura 21

Esquema do autor

Figura 22

http://blog.archpaper.com/wordpress/wp-content/uploads/2011/03/11_Apts-in-MAIA-Portugal.jpg (17.09.2014 - 15h54)

Figura 23

Eduardo Souto de Moura. Edifício de habitação colectiva da Maia.

Figura 24

Esquema do autor

Figura 25

<http://porto2.taf.net/dp/20120201-constituicao.jpg> (17.09.2014 - 16h54)

Figura 26

http://3.bp.blogspot.com/_NOFOYKivok4/TCZyWYArnl/AAAAAAAAAQes/_L7odBFKx6o/s1600/armenio_constitui%C3%A7ao_planta.jpg (20.04.2014 - 19h40)

Figura 27

Esquema do autor

Figura 28

http://4.bp.blogspot.com/-xy7pE7F_EJ4/TdQeuqVKokI/AAAAAAAAAF8/pHEeEFgs1jQ/s1600/cc29.jpg (17.09.2014 - 17h19)

Figura 29

Viana de Lima: arquitecto 1913-1991. p 130.

Figura 30

Esquema do autor

Figura 31

<http://imagens0.publico.pt/imagens.aspx/757710?tp=UH&db=IMAGENS>
(17.09.2014 - 17h30)

Figura 32

<http://4.bp.blogspot.com/-4wZD8z9SIZQ/Tl2CKdj4tiI/AAAAAAAAUkY/YQnM-ABHudY/s640/p3.jpg> (20.04.2014 - 20h03)

Figura 33

Esquema do autor

Figuras 34, 35

Esquemas do autor

Figura 36

Housing + Singular Housing. p. 26.

Figuras 37-40

<http://www.lacatonvassal.com/> (27.05.2014 - 17h25)

Figuras 41-43

arquivo pessoal

Figura 44

<http://www.lacatonvassal.com/> (27.05.2014 - 17h14)

Figuras 45-50

<http://www.guallart.com/> (22.08.2014 - 17h47)

Figuras 51-58

Total Housing. p. 319, 322, 324.

Figura 59

<http://www.olafureliasson.net/> (18.06.2014 - 15h10)

Figura 60

http://www.manray-photo.com/catalog/images/photos/tirages/X41_lg.jpg
(25.08.2014 - 19h13)

Figura 61

<http://www.phaidon.com/resource/beuys-deadhare2.jpg> (25.08.2014 - 18h51)

Figura 62

https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRrML8Ip7_a4CCRkbFH4HLkJGocagYv3oN29_VpXHaVuwiDtGOI (21.07.2014 - 16h26)

Figura 63

Merce Cunningham. p. 261.

Figura 64

http://www.moma.org/wp/moma_learning/wp-content/uploads/2012/07/Joseph-Kosuth.-One-and-Three-Chairs-469x353.jpg (21.07.2014 - 16h03)

Figuras 65-67

Núcleo de Experimentação Coreográfica, *Quadros de Dança 2006*. Fotos de Rui Pinheiro.

Figuras 68-70

<http://www.artgineering.nl/filekit/how.html> (27.06.2014 - 12h19)

Figuras 71, 72

<http://www.boamistura.com/> (9.06.2014 - 19h21)

Figuras 73-77

<http://www.olafureliasson.net/> (9.07.2014 - 22h40)

Figuras 78-82

<http://www.olafureliasson.net/> (18.06.2014 - 15h35)

Figuras 83-87

<http://entrevoirart.blogspot.pt/2014/06/richard-serra-intersection-ii-bale.html> (25.08.2014 - 14h29)

Figuras 88-91

<http://www.walkerart.org/collections/artworks/alteration-to-a-suburban-house>

Dissertação redigida segundo o antigo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

